

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA – UFU
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA – ILEEL
MESTRADO EM TEORIA LITERÁRIA**

JULIANE EMILIANO

***DO DIÁRIO DE SÍLVIA:
A ESCRITA DE SI COMO RUPTURA NARRATIVA
NA OBRA O TEMPO E O VENTO***

UBERLÂNDIA

2013

JULIANE EMILIANO

DO DIÁRIO DE SÍLVIA:
A ESCRITA DE SI COMO RUPTURA NARRATIVA
NA OBRA *O TEMPO E O VENTO*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Jacy Alves de Seixas, Profa. Dra.

UBERLÂNDIA

2013

Senhor meu Deus, não tenho palavras para agradecer-te pela imensa vitória que me concedeste ao ingressar no tão sonhado mestrado. Muitos foram os dias em que me vi em situações que pareciam levar-me a desistir de prosseguir com os estudos, porém a Tua palavra vinha como refrigério à minha alma e me dava força para continuar, por isso, Amado Pai, venho, por meio dessas poucas palavras, agradecer pela tua fidelidade em minha vida. Amém.

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu Amigo, Pai e Pastor Eugênio A. C. Emiliano, minha mãe e exemplo de mulher Maria Olimpia Emiliano e minhas irmãs Gislene Emiliano e Gislaine Emiliano por todo apoio que tenho recebido durante esses dois anos em que estive longe de casa, saibam que vocês são o meu maior tesouro, a minha rocha o meu lugar seguro, sem ajuda de todos jamais teria conseguido chegar até aqui, amo vocês;

à torcida que recebi da minha vó Creuza, dos meus tios Everaldo, Valéria, Edival, Mariulza, Ernandes, Marlene, Lurdes, Waldir e dos meus primos Victor, Carolini, Helise, Maria Clara e Fernando;

ao imenso carinho de Leonice Melo, Miriam Tavares e Clarice Abreu (por todo auxílio na hora da elaboração e do ensaio para apresentação do meu projeto), Diego Angelo de Souza (pela ajuda durante a minha qualificação), Ivanilde, Eliane, Ciro, Fabio, Claudio Andrade, Paulinha e Malu Oliveira (os primeiros companheiros de profissão), Maria Sucesso, Sara dos Santos, Ana Paula Fonseca, Elza, Rubia, Jessé Teixeira Félix e Shirley Setúball (irmãos de fé), Maria Inez Squarcini e Osnir (pais de coração), Rubens Carvalho, Antônio Lima, Elienai Muniz e Sergio (fiéis companheiros), Roseli Pereira, Jeovane Souza (Ceará), Carolina Acras, Johny Assunção, Emerson Mendes, Moacir, Nelson Mitsuo Higa e Crysthian Roberto (amigos maravilhosos), Julimara Magalhães, Giselle Chagas e Haquila Cristina (as melhores vizinhas) e minhas queridas conselheiras Taliene e Tânia, por toda força e incentivo que me deram estando perto ou longe de mim. Saibam que as palavras amigas que recebi de todos, nos momentos de dificuldade e de grande alegria por que passei, jamais serão esquecidas;

aos líderes e componentes do Conjunto Apocalipse, da Igreja Assembleia de Deus, do bairro Saraiva, pelas orações e incentivo que recebi e, assim, pude continuar minha jornada;

aos meus queridos pastores Francisco Bernadino, Marco Aurélio e José Rubens e aos presbíteros Robson Moreira e Genival Freire, pelas orações que fizeram por mim, durante todas as viagens que realizei para o processo seletivo do mestrado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES, pela bolsa de estudos, que me permitiu dedicação exclusiva aos estudos;

à Profa. Dra. Jacy Alves de Seixas, por toda paciência que teve comigo durante os dois anos em que fora a minha orientadora;

à profa. Kênia Maria de Almeida Pereira, pela oportunidade de realização do meu estágio;

ao Prof. Ms. Agameton Ramsés, por ter-me “apresentado” à UFU;

ao Prof. Dr. Ney Iared Reynaldo, por sempre estar disposto a me ajudar e dar conselhos valiosos para o meu crescimento acadêmico;

ao Prof. Dr. Ivan, por emprestar sua tese e compartilhar seus conhecimentos sobre Erico Verissimo;

ao Prof. Dr. Leonardo Soares, por todas as vezes em que solicitei ajuda, sempre disposto, me atendeu, e também por toda referência bibliográfica indicada;

à Profa. Dra. Sheila Dias Maciel, pelo carinho ao me atender, pelos livros que me emprestou, os quais foram de grande ajuda para o desenvolvimento deste trabalho;

à banca de qualificação, pois as contribuições das professoras Regma dos Santos e Joana Luíza Muylaert foram cruciais para a melhoria desta dissertação;

ao querido mestre Prof. Laércio Pulzatto (*in memoriam*), jamais será esquecido.

STILL

Me esconda agora
Sob suas asas
Cobre-me
Com sua poderosa mão

Quando os oceanos se erguerem e os trovões soarem
Voarei contigo acima das tempestades
Pai, tu és Rei sobre a inundação
Eu permanecerei e saberei que és Deus

Minha alma encontra descanso
Somente em Cristo
Conheço Seu poder
Em quietude e confiança

Hillsong United

RESUMO

A presente dissertação foca o discurso intimista de uma personagem feminina, cujo nome figura no título: *Do diário de Sílvia*; trata-se da penúltima parte do terceiro tomo da trilogia *O Tempo e o Vento*, do escritor Erico Verissimo. A pesquisa busca realizar um estudo crítico sobre a presença da confissão, no discurso relatado pelo autor gaúcho, em sua clássica narrativa, *Do diário de Sílvia*. A obra, ao relatar conflitos íntimos, dentre eles, o sentimento amoroso em relação ao irmão de seu marido, a afeição pelo padrinho Rodrigo, a desconfiança em relação à fé em Deus, os conflitos da ditadura do Estado Novo, a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial, constrói uma visão reflexiva do ser humano e seus questionamentos sobre a sociedade em que vive, e como esta a aflige. Outro fator singular, desse diário, é que a narrativa é feita por uma mulher, algo inusitado na trilogia, uma vez que elas não têm voz dominante no romance. Para melhor explanação de minha análise sobre a personagem Sílvia, proponho uma comparação com a personagem Ana Terra, principal protagonista feminina da trilogia, e como as duas enfrentaram os conflitos da vida, para ganhar voz no mundo masculino.

Palavras chaves: *Do diário de Sílvia*; Confissão; Figura feminina; Erico Verissimo.

ABSTRACT

This dissertation focuses on the intimate discourse of a female character, whose name appears in the title: *From Silvia's diary (Do diário de Sílvia)*. It is about the penultimate part of the third volume of the trilogy *Time and the Wind*, by Erico Verissimo. The research aims to make a critical study on the presence of confession in the speech reported by the author of Rio Grande do Sul in his classic narrative, *From Silvia's diary*. By reporting inner conflicts, such as the loving feeling in relation to her husband's brother, the affection for Rodrigo, the godfather, the skepticism towards faith in God, the conflicts of the New State dictatorship, the Spanish Civil War and World War II, the work builds a reflective view of human beings and their questions about the society in which they live, and how this afflicts it. Another unique factor of this diary is that the narrative is made by a woman, something unusual in the trilogy, since they have no leading voice in the novel. For a better explanation of my analysis of the character Sylvia, I propose a comparison with the character Ana Terra, the main female protagonist of the trilogy, and how the two faced the conflicts of life, to gain a say in the male world.

Keywords: *From Silvia's diary*; Confession; female figure; Erico Verissimo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	18
O VENTO... O TEMPO... O ARQUIPÉLAGO...	18
1.1 O SULISTA, O GAÚCHO, O ESCRITOR.....	18
1.2 VERISSIMO, VERISSIMO... E O ROMANCE-RIO	26
CAPÍTULO II	33
A PRESENÇA DA LITERATURA CONFSSIONAL NO TEMPO E O VENTO.....	33
2.1 O ASPECTO INTIMISTA NA TRILOGIA	33
2.1.2 <i>DIÁRIO: A QUEBRA DA ESTRUTURA DE O TEMPO E O VENTO.....</i>	<i>35</i>
2.2 O “EU” DA PERSONAGEM.....	40
CAPÍTULO III	56
SÍLVIA E ANA TERRA: PERFIS FEMININOS	56
3.1 SÍLVIA... A FIGURA FEMININA	56
3.2 ANA TERRA E SÍLVIA: ANÁLOGAS OU OPOSTAS?	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	78

INTRODUÇÃO

Do diário de Sílvia é a obra de Erico Verissimo que me instigou a elaborar esta pesquisa. A escolha do diário, como uma proposta de análise para o mestrado em Teoria Literária, teve seu início ainda na graduação no curso de Letras, na Universidade Federal de Mato Grosso, onde pesquisei a obra intimista *Scenas de Viagem* [1868], de Visconde de Taunay. O gosto pela leitura da escrita de si, mesmo antes da formação acadêmica, já permeava minhas leituras preferidas, principalmente os diários: aqueles em que o narrador “revela” fatos obscuros da história de sua vida e os de guerra, em que os personagens relatam a aflição sofrida e de outras pessoas, quando eram presas e passavam a viver nos campos de concentração durante a Segunda Guerra Mundial.

No entanto, não é só a curiosidade em relação à vida do outro e o sofrimento que me impulsionam a ler um diário, mas a forma como o narrador/personagem anota esses sentimentos no interior do texto, fazendo transparecer, durante a narrativa em 1ª pessoa, a possibilidade de uma leitura verossímil e presente dos fatos ocorridos e dos sentimentos expressados, sendo estes, muitas vezes, ocultados perante os amigos e familiares, pois são, em sua maioria, emoções impossíveis ou indevidas, como as tratadas em *Do diário de Sílvia*, de Verissimo, uma vez que a personagem expõe conflitos tumultuosos do seu “eu” interior e exterior.

Erico Lopes Verissimo (1905-1975), representante da literatura regionalista do Rio Grande do Sul, nos anos quarenta, recebeu alguns méritos em sua carreira literária, tais como o prêmio Machado de Assis (1934), pelo romance *Música ao Longe*; o prêmio Juca Pato, de 1967, da União Brasileira dos Escritores de São Paulo, como o “Intelectual do Ano”, dentre outros. Recebeu convites para ministrar aula de literatura brasileira em diversos países, como, por exemplo, nos Estados Unidos da América, onde recebeu o título “*honorary degree*” de Doutor em Literatura.

Na literatura brasileira, Erico Verissimo, assim como Jorge Amado, conseguiu conquistar um extenso público e, provavelmente por isso, suas obras receberam, de forma negativa e repetitivamente, diversas apreciações dos críticos literários. No

entanto foi o grande nome entre os autores da região sul do país, porque retratou de forma pioneira o cenário típico da província sulina e a tradição gaúcha. Mesmo não tendo uma “formação acadêmica, Erico Verissimo era um autodidata e foi sempre um grande leitor: tinha em casa uma boa biblioteca, com revistas, livros e enciclopédias que o seduziam e o faziam viajar no tempo e na história”¹, fato este que o ajudou a elaborar os métodos de sua escrita, pois era leitor de grandes romancistas da literatura nacional e estrangeira. E como é certo afirmar que:

[...] nenhum escritor pode dizer-se alheio ao meio que o circunda e às produções literárias existentes, sejam elas clássicas, ou contemporâneas. Isto é, todo escritor de que se tem conhecimento lê ou leu, e, de alguma maneira, elabora as suas leituras em estruturas e sentidos que acabam por perpassar o que ele escreve; mas não apenas isso, porque a leitura não se faz apenas em relação à literatura, ela igualmente se encontra no dia a dia, nas relações que se estabelecem entre as pessoas, nas narrativas jornalísticas, nas que vêm a nós pelas formas mais prosaicas, como a que temos quando contamos, por exemplo, o que aconteceu durante o dia.²

Dessa forma, então, noto que a influência dessas leituras fez com que ele criasse seu modo de escrever, o que fica nítido na obra *Caminhos cruzados*, onde é definido, de acordo com Chaves, o estilo do autor, uma vez que os romances que passa a escrever “não se ocupam apenas com a revelação da engrenagem social, mas também, com a discussão e julgamento dos seus mecanismos. É a partir daí que ele analisa o indivíduo na projeção de sua humanidade”³.

Apesar de não ter participado ativamente da Semana de Arte Moderna em 1922, em São Paulo, ele é considerado um representante de destaque da segunda fase do Modernismo Brasileiro⁴. Herdeiro da revolução ideológica e estética, o

¹FAURI, Ana Letícia. Erico Verissimo e a literatura. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/vsemanalettras/Artigos%20e%20Notas_PDF/Ana%20Let%EDcia%20Fauri.pdf>. Acesso em: 15 out. 2012.

²FAURI, Ana Letícia. Erico Verissimo e a literatura. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/vsemanalettras/Artigos%20e%20Notas_PDF/Ana%20Let%EDci%20Fauri.pdf>. Acesso em: 15 out. 2012.

³CHAVES, Flavio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre. Globo, Instituto Estadual do Livro, Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1976, p. 27.

⁴Os escritores da segunda fase do Modernismo brasileiro buscaram representar, com profunda intensidade, os problemas sociais, tanto do Brasil como do Mundo, de forma crítica em suas obras, demonstrando, assim, uma literatura inovadora e madura. Dentre os autores deste período destacam-se na poesia Murilo Mendes, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes. Na prosa José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, Jorge Amado e Erico Verissimo. (CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. 9. ed. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 24-28).

chamado “romance de 30”, empreendeu, em seus escritos, o reconhecimento do espaço social brasileiro por via da documentação, da incorporação de tipos característicos, da aceitação dos falares regionais e, não raro, da denúncia política; características estas possíveis de ser notadas em seus livros, principalmente na obra *O tempo e o vento* (1949-1962), um grande arquétipo, finalizado após longos treze anos. O romance cíclico de Verissimo contém três tomos, a saber: *O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*, que relatam a trajetória das famílias Terra e Cambará, obras nas quais o autor vincula as nuances do romance com a história do Rio Grande do Sul. É desse terceiro tomo – *O arquipélago* – que originou o recorte literário desta pesquisa, *Do diário de Sílvia*.

A trilogia é apontada como obra clássica pelos críticos literários, por ser um romance que aborda a “construção” de um povo, no caso, os gaúchos. Em virtude do sucesso da obra, é difícil estudar e falar de Erico sem citar o romance *O tempo e o vento*, uma vez que transmite uma maturidade do escritor, se compararmos com as outras obras. De acordo com o escritor Fabio Lucas:

Conta-se em *O tempo e o vento* a história rude e violenta de grupos de familiares em peleja um com os outros. Reina ali a ostentação fanática da coragem, do heroísmo, da fidelidade e da rebeldia. Na elaboração do enredo misturam-se elementos lendários a acontecimentos históricos.⁵

São esses elementos imaginários e sociais na obra, que, ao revelar as tradições gaúchas, transmite o cuidado do autor em retratar o ser humano e os costumes de um povo, fato este presente nos seus romances, pois, de acordo com o crítico Benjamim Abdala, Verissimo se volta para análise do cotidiano nos seus textos. Segundo Abdala:

Com a série *O tempo e o vento*, distribuída em três partes (*O continente*, *O retrato* e *O arquipélago*), tivemos, segundo Flávio Loureiro Chaves, “toda saga da formação rio-grandense, desde as origens remotas no século XVIII até o ano de 1946, finalizando a narrativa ao encontrarem-se, mais uma vez, o tempo de ficção e o momento presente em que o discurso é produzido”.⁶

⁵ LUCAS, Fábio. O discurso avaliativo de Erico Verissimo. In: *Caderno de Literatura Brasileira. Erico Verissimo*. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003, p. 129.

⁶ ABDALA, Benjamim; CAMPEDLLI, Samira Youssef. *Tempos da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986, p. 269 (Série Fundamentos).

Desse modo, percebo, na literatura de Verissimo, um aspecto do autor perante a sociedade em que vive, transmitindo, assim, um caráter realístico aos fatos narrados no romance. Essa perspectiva é constatada no tomo *O arquipélago*, considerado, segundo Rodrigues, “mundo dos conflitos e da angústia”,⁷ em que se apresenta o indivíduo de forma mais explícita, o “eu” é revelado e descrito nas personagens, cujo exemplo é a obra *Do diário de Sílvia*.

Durante a leitura do livro, observei que a personagem é uma jovem insegura que, cansada de guardar suas aflições dentro de si, resolve anotar seus conflitos num diário, registrando a insatisfação com o casamento, uma vez que não amava o marido, Jango, revelando o amor impossível pelo cunhado Floriano, o remorso das lembranças dolorosas que guardara de sua mãe e os problemas sociais como a ditadura do Estado Novo.

Por esse viés, entendo que *Do diário de Sílvia* representa não só mais uma obra que narra aspectos da história dos personagens da família Terra e Cambará, mas uma dissecação do ser humano e, neste caso, é Sílvia a construtora desse “conhecimento”, o qual elabora, de acordo com Luana Soares de Souza⁸, com dois sujeitos enunciativos o “eu da memória” e o “eu da escrita”, surgindo, desse modo, duplos protagonistas na voz de uma personagem.

É devido à escrita íntima, no eu feminino, da personagem Sílvia, que encontrei um olhar diferenciado de investigação acerca da trilogia do escritor sulista, que embora possua outros recortes de escrita intimista, na voz de Floriano, escolhi adentrar apenas a escrita feminina.

O autor, Erico Verissimo, embora sob um olhar masculino, ao escrever *Do diário de Sílvia* institui um personagem/narrador feminino, dando autonomia a esse eu feminino. A obra em questão tem como pontos principais para a pesquisa a descrição da figura feminina, a presença do gênero confessional diário e a possível relação existente entre Ana Terra e Sílvia Cambará, que é o meu objetivo, nesta pesquisa.

Sobre personagens femininas – muitas foram criadas em obras de cunho literário, principalmente de autoria masculina, uma vez que a literatura é, em termos

⁷ RODRIGUES, Odiombar. Eta mundo velho sem porteira. In: ALVES, José Édil de Lima. *Erico Verissimo: provinciano e universal*. Canoas: ULBRA, 2006, p. 119- 135.

⁸ SOUZA, Luana Soares de. Do diário da(s) Sílvia(s): entre o ser e o desejar. In: ALVES, José Édil de Lima. *Erico Verissimo: provinciano e universal*. Canoas: ULBRA, 2006, p. 121-122.

gerais, um lugar, predominantemente, masculino. No entanto é a visão diferenciada de Erico Verissimo em relação à protagonista Sílvia que visou analisar, pois a personagem não é uma “simples” figura dramática do enredo, mas a “autora” da narrativa.

Ao escrever o diário e os conflitos vividos pela protagonista, Verissimo permite ao leitor lançar um olhar ao mundo feminino. O que reforça todo o conceito de imagem expressado pelo título do último tomo, *O arquipélago*, o qual remete à ideia de individualidade e isolamento, fazendo com que a escrita de Sílvia seja a diferença dentre as demais narrativas de *O tempo e o vento*.

É para compreender e ilustrar a criação da “escrita feminina”, elaborada por uma “escrita masculina”, que recorro aos estudos de Ruth Silviano Brandão, que afirma “que as categorias feminino e masculino não coincidem, necessariamente, com mulheres ou homens e que, no registro da escrita, um homem pode ter uma escrita feminina ou engendrar fantasias femininas”⁹, por isso, é possível captar aspectos femininos no texto de Verissimo.

Outro diferencial na trilogia é a presença do diário, gênero confessional em que, assim como a memória, o testemunho, a autobiografia são obras que propõem apresentar a trajetória da vida de uma pessoa, nas quais o narrador/protagonista do texto busca “revelar” os segredos, mais íntimos, do curso de sua vida para o público, instigando o leitor, curioso, à fruição dessa literatura, na qual busca, então, um desnudamento total (e impossível) do “eu” aí inscrito.

Tendo como objetivo analisar esses aspectos na obra aqui pleiteada, farei para tanto um resumo do que será tratado na presente dissertação.

No primeiro capítulo, dividido em dois tópicos, escolhi iniciar com um pequeno texto apresentando o escritor Erico Verissimo, sua carreira de editor, os autores que o influenciaram em suas produções, como Huxley e James Hilton, bem como suas produções literárias, que são apresentadas em nota de rodapé. No segundo tópico, exibo a influência do modernismo, corrente literária vigente na época, nas obras do autor e como este empreendeu características da Revolução de 30 nos seus textos, pois empregou um estilo chamado romance urbano nas suas obras como *Senhor Embaixador*, *Caminhos cruzados* e *Olhai os lírios do campo*.

⁹ BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura/Editora da UFMG, 1993, p. 52.

Finalizo o capítulo comento a representação do autor Veríssimo na literatura brasileira e com um breve comentário sobre sua obra principal, *O tempo e o vento*.

O segundo capítulo trata da presença do gênero confessional no romance-rio. Após a leitura, surgiram-me alguns questionamentos: o porquê de um diário quase no final da história das famílias Terra e Cambará; qual a implicação desta ruptura de narrativa, uma vez que se encontra na 1ª pessoa do singular e as demais na 3ª pessoa do singular. Dentro desse parâmetro, pretendo discutir o gênero confessional, para isso, utilizarei o estudo da escritora Sheila Maciel¹⁰, que aborda os conceitos do diário; de Arfuch¹¹, que escreve sobre a produção biografia e autobiografia; de Lejeune¹², que pensa as “semelhanças” do romance com a autobiografia; e também abordarei a questão das confissões com base em Simmel¹³.

Fator instigante, também, é o fato de o diário pertencer a uma mulher, sendo, predominantemente, em *O tempo e o vento*, a descrição e a valorização do homem gaúcho, e o porquê dessa figura feminina, que, aliás, não é da linhagem de sangue dos Terra e Cambará, porém uma vizinha que se casara com Jango, um dos filhos de Dr. Rodrigo Cambará.

No terceiro, e último capítulo, pretendo apresentar um estudo comparativo entre as personagens Ana Terra e Sílvia Cambará, pelo qual procuro compreender as semelhanças e diferenças existentes entre as personagens, como enfrentam os problemas da vida.

Para compreender essa relação, minha análise apoiar-se-á nas teorias dos seguintes pesquisadores: Arendt¹⁴, em que percebo como o ser humano “depende” da sociedade em que vive para “se construir”; Rodrigues¹⁵, que analisa as

¹⁰ MACIEL, Sheila Dias. As múltiplas representações do diário íntimo. In: OLIVEIRA, Dercir Pedro (Org.). *O livro da concentração*: linguístico e o literário. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

¹¹ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico*: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

¹² LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico*: de Rousseau à internet. Tradução de Jovita M. Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

¹³ SIMMEL, Georg. O segredo. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/JQITtkX/SIMMEL_Georg_O_Segredo.html>. Acesso em: 26 set. 2011.

¹⁴ ARENDT, Hannah (1906-1975). *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

¹⁵ RODRIGUES, Odiombar. Eta mundo velho sem porteira. In: ALVES, José Édil de Lima. *Erico Veríssimo*: provinciano e universal. Canoas: ULBRA, 2006, p. 119-135.

matriarcas do grupo Terra, Almeida¹⁶, pois aclara a concepção das mulheres de *O tempo e o vento*; e Candido¹⁷ que explica o conceito da personagem no mundo fictício. Desse modo, será por este viés e à luz desses teóricos que analisarei a obra *Do diário de Sílvia* de Erico Verissimo.

¹⁶ ALMEIDA, Lélia. *A sombra e a chama: as mulheres d'O tempo e o vento*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISCO; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

¹⁷ CANDIDO, Antonio. *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CAPÍTULO I

O VENTO... O TEMPO... O ARQUIPÉLAGO...

1.1 O SULISTA, O GAÚCHO, O ESCRITOR...

Tenho dito e escrito repetidamente
que me considero, antes de mais nada,
um contador de histórias

*Erico Verissimo*¹⁸

Erico Lopes Verissimo¹⁹, escritor da geração modernista, considerado um grande nome na literatura rio-grandense e brasileira. Discorrer sobre o autor demanda responsabilidade, pois como apreender os meandros de sua escrita? Tarefa simples? Isso não é. Poderia afirmar ser ele o maior romancista do Sul?

¹⁸ Caderno de Literatura Brasileira. *Erico Verissimo*. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003, p. 28.

¹⁹ **Bibliografia do autor:**

Ficções: Fantoches (1932), Clarissa (1933), Música ao longe (1935), Caminhos cruzados (1935), Um lugar ao sol (1936), Olhai os lírios do campo (1938), Saga (1940), As mãos de meu filho (1942), O resto é silêncio (1943), O continente (1949 – 1ª parte de O tempo e o vento), O retrato (1951 – 2ª parte de O tempo e o vento), Noite (1954), O ataque (1958), O arquipélago I e II (1961 – 3ª parte de O tempo e o vento), O arquipélago III (1962), O senhor embaixador (1964), Ficção completa (1967), O prisioneiro (1967), Incidente em antares (1971).

Literatura infantil e infanto-juvenil: A vida de Joana d'Arc (1935), As aventuras do avião vermelho (1936), Os três porquinhos pobres (1936), Rosa Maria no castelo encantado (1936), Meu ABC (1936), As aventuras de Tibicuera (1937), O urso com música na barriga (1938), A vida do elefante Basílio (1939), Outra vez os três porquinhos (1939), Viagem à aurora do mundo (1939), Aventuras no mundo da higiene (1939).

Livros de viagem: Gato preto em campo de neve (1941), A volta do gato preto (1946), México (1957), Israel em abril (1969).

Biografia: Um certo Henrique Bertaso (1972).

Memórias: Solo de clarineta (1973), Solo de clarineta II (1976 – póstuma organizada por Flávio Loureiro Chaves).

Referência crítica: ALVES, José Édil de Lima. *Erico Verissimo: provinciano e universal*. Canoas: ULBRA, 2006; BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo*. Por Alegre: Sulina, Secretaria Municipal da Cultura, Acervo Literário de Erico Verissimo, CPL, PUCRS, 1990; Caderno de Literatura Brasileira. *Erico Verissimo*. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003; CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. 9. ed. São Paulo: DIFEL, 1983. CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Escola Técnica/UFRGS, 1996 (livro com inúmeras referências sobre o autor e suas obras); CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001; CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Mercado aberto, 1981; PESAVENTO, Sandra Jatay; LEENHARDT, Jacques; CHIAPPINI, Lígia; AGUIAR, Flávio (org.). *Erico Verissimo: o romance na história*. São Paulo: Nova Alexandria, 2001; SAUTHIER, Ademar Agostinho. *Liberdade e compromisso: "O Tempo e o Vento" de Erico Verissimo* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008; CORONEL, Luiz (Org.). *Erico Verissimo - 100 Anos - O Tempo e o Vento a Passar*. Porto Alegre: Mecenaz Editora, 2005.

Poderia intitulá-lo de um grande homem ou um grande trabalhador? Talvez um romancista de sucesso? Ou melhor, o ficcionista historiador! O que dizer deste cruz-altense? Bom, são vários os discursos sobre a obra de Verissimo, mas, antes de realizar meu comentário, passo a palavra ao próprio Erico:

O que penso de mim mesmo? Depende da ocasião. Nos momentos escuros, minha tendência é considerar tudo quanto produzi até hoje medíocre ou mesmo mau. Nas horas claras, porém, olho com mais indulgência para a minha obra e concluo que, dentre os vinte e poucos livros que escrevi até hoje, uns três ou quatro possuem alguma importância e pelo menos um deles – creio que *O continente* – sobreviverá por algum tempo. Sei que não sou, nunca fui, um *writer's writer*, um escritor para escritores. Não sou um inovador, não trouxe nenhuma contribuição original para a arte da ficção. Tenho dito e escrito repetidamente que me considero, antes de mais nada, um contador de histórias.²⁰

A humildade desse gaúcho é notória, percebo que, mesmo no momento de estabilidade na carreira, o autor não estima merecidamente as obras literárias e nem se vangloria por sua produção literária. Um dos motivos desse pensamento poderia ser a influência de suas memórias no momento da produção? Segundo o próprio Erico: “Meus livros estão longe de ser memórias disfarçadas. Uso neles minha vivência. Aqui e ali o inconsciente me traiçoa. Estou um pouco até nas velhas de *O tempo e o vento*”²¹. Por este viés, é possível pensar que fatos do cotidiano estiveram presentes na elaboração do romance? Ele responde:

É preciso saber que as condições econômicas de minha vida pessoal, particular, influenciaram muito os romances que escrevi entre 1933 e 1940. Observe-se como minhas personagens dos livros dessa época preocupavam-se com contas a pagar no fim do mês. Eu trabalhava longe e duramente mais de 12 horas por dia. Traduzia livros de várias línguas para o português (mais de 40) para programas de rádio para infância, armava páginas femininas para o *Correio do Povo*, tudo isso enquanto trabalhava na revista e na editora da Livraria do Globo.²²

O que demonstra que os compromissos do cotidiano “interferiram” na criação das histórias, mas não a ponto de implicar um resultado negativo, ao contrário, transmitiu mais “veracidade” à escrita de Erico, pois suas vivências, com certeza, o ajudaram em sua criação. Outro fator interessante é o escritor não se ufanar da

²⁰ Caderno de Literatura Brasileira. *Erico Verissimo*. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003, p. 28.

²¹ Idem, ibidem, p. 28.

²² Idem, ibidem, p. 32.

fama de historiador, embora *O tempo e o vento* seja de cunho literário, pois tem um “elo” de História em seu enredo, no entanto conta que pouco pesquisou para essa criação, afirmando ser mais relevante o personagem: “Se me pedissem um adjetivo para me qualificar como contador de estórias, eu sugeriria engenhoso. Talvez este qualificativo possa ter conotação irônica ... mas que importa”²³. Todavia há muito, na escrita de Verissimo, que evidencia o cunho realístico e a crítica social. A abordagem de temas, desde religião à política, é comum nos enredos do autor gaúcho, narra que não fora por nenhum momento indiferente aos acontecimentos públicos que ocorriam no país e no mundo:

Já se tem dito e escrito que eu jamais me comprometo politicamente. Ridículo! Creio que durante estes 35 últimos anos tenho me manifestado claramente sobre problemas e acontecimentos políticos e sociais de maneira que me parece coerente e inequívoca, sempre a favor da liberdade e dos direitos do homem e contra todas as formas de opressão – coisa que nem sempre poderia fazer se fosse obrigado a seguir obedientemente a linha sinuosa e muitas vezes contraditória dum partido político. Considero-me dentro do campo do humanismo socialista, mas – note-se – voluntariamente, e não como prisioneiro. Por que *socialista*? – hão de perguntar. Porque o extremismo da esquerda e o da direita não passam de faces da mesma moeda totalitária; e porque o centro é quase sempre o conformismo, a indiferença, o imobilismo.²⁴

No entanto, para aqueles que podem questionar a posição socialista do autor, ele diz:

Ora, é um erro imaginar que socialismo e liberdade sejam termos e ideias que se contradizem [...]. Se por um lado, acredito na necessidade de todos os escritores e artistas terem uma consciência política e social que os torne responsáveis – e, portanto merecedores da liberdade –, por outro lado, estou cada vez mais convencido de que não cabe ao romancista apresentar soluções para as crises econômicas, políticas e sociais que nos atormentam [...]. A portaria que determina a censura prévia no Brasil me causa indignação e ao mesmo tempo tristeza. É um sinal de que estamos encenando uma paródia da Idade Média. Que esperança pode ter um país em que o livro em geral é submetido ao arbítrio da polícia, em pé de igualdade com as mais baixas revistas pornográficas de finalidade puramente comercial.²⁵

²³ Caderno de Literatura Brasileira. *Erico Verissimo*. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003, p. 33.

²⁴ Idem, ibidem, p. 35.

²⁵ Idem, ibidem, p. 35.

Desse modo, é compreensível entender a dose de críticas de seu universo literário; exemplo disso é o livro *Incidente em Antares* e, até mesmo, *O tempo e o vento*, no qual ele imprime aspectos da realidade, porém no mundo das personagens, como a ditadura do Estado Novo.

É por inserir “momentos históricos e políticos” no texto que o autor, muitas vezes, foi considerado um romancista menor entre os escritores brasileiros, fato não aceito pelo cruz-altense: “Fico intrigado e irritado quando, dentro da literatura brasileira que não é excepcionalmente rica em grandes escritores, sou tratado como romancista menor, o que não é justo. Posso ser menor num plano internacional, mas não no nacional”²⁶. Todo esse incômodo e sentimento de injustiça têm um embasamento.

Erico Verissimo foi nome de evidência na literatura rio-grandense. Ele, por não ser autor do estado de São Paulo, local em que praticamente “tudo aconteceu”, conseguiu proporcionar uma visão da capacidade literária dos sulistas como escritores. De acordo com Antonio Candido:

O panorama do Rio Grande do Sul é bastante rico, desde o regionalismo (Darci Azambuja, Ciro Martins) até à investigação psicológica (Dionélio Machado), passando por escritores muito hábeis na recriação do cotidiano numa tonalidade entre poética e prosaica: Telmo Vergara, Ernâni Fornari e, **mais importante do que todos os outros** (grifo meu), Erico Verissimo²⁷.

A ênfase dada ao escritor gaúcho não me parece exagerada, ocorre porque, no período de 1930, a produção literária brasileira teve como arte mais autêntica o romance regionalista, que mostrava incongruências e conflitos de um Brasil que propagava uma modernidade, mas que mantinha aspectos arcaicos em diversos âmbitos, fato este presente nas obras de Erico Verissimo.

Dentre os estilos regionalistas, de acordo com Pavla Lidmilová, Verissimo pode ser considerado como pertencente ao movimento chamado romance urbano. Em suas obras, o autor explora os problemas das personagens como criaturas humanas, exemplo é o livro *Senhor Embaixador*, cuja história está situada fora do país, mais precisamente no Caribe, fato este não muito habitual nos romances brasileiros do período – tem como protagonista um embaixador da ditadura do

²⁶ Caderno de Literatura Brasileira. *Erico Verissimo*. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003, p. 39.

²⁷ CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. 9. ed. São Paulo: DIFEL, 1983, p. 27.

Caribe nos Estados Unidos, que, por não concordar com o avanço da revolução, acaba sendo executado. Ou seja, o pensamento opositor do embaixador e suas atitudes caracterizam um “homem ativo, cheio de vitalidade, que ama a vida e fica fiel aos seus amigos [...] por outro lado fica limitado no seu partidarismo sem reservas [...] e sem querer acaba por fazer mal aos outros”²⁸.

É este tipo “homem” que Erico Verissimo representa na obra, tornando-se um escritor fundamental no movimento modernista, pois, conforme afirma o crítico Wilson Martins Erico, “é sem dúvida um dos escritores fundamentais do Movimento, por haver feito fora de São Paulo, o que nenhum revolucionário de 22 conseguiu fazer: o romance urbano moderno, mais interessado em interpretar o homem com fidelidade do que em embasbacar o leitor com experiência de estilo”.²⁹

Todavia, se compreendo que uma obra é de cunho regionalista, quando tematiza tipo, costumes e linguagens locais, tenho de considerar que não é este o regionalismo apresentado por Erico Verissimo. O romance de Verissimo percorreu, em alguns momentos, esse viés, pois demonstrou o local e a visão do gaúcho sobre a sociedade brasileira, mas não como os escritores nordestinos: Graciliano Ramos e Raquel de Queiroz, que o fizeram tão bem; o “regionalismo” de Erico é bem diferente, pois supera essa característica de linguagem. Um bom exemplo é a obra *Música ao longe*, novela esta que:

[...] ganha um cenário precisamente datado e cuja localização geográfica o autor faz questão de elucidar desde o início. Em Jacarenga, uma pequena comunidade do interior rio-grandense da década de 1930, a família de Clarissa, dedicada há longo do tempo à atividade agrária, atravessa uma crise que a arrasta para a derrocada econômica.

Recorrendo a este cenário típico da sua província, onde predomina a tradição rural do “gaúcho”, teria o romancista cedido ao apelo do regionalismo, cuja força era bastante intensa na literatura rio-grandense da época.³⁰

De acordo com Chaves, o livro constitui um estilo típico, ao transcrever o espaço físico, em relação às outras obras de Erico, porém esta paisagem descritiva não é ampliada e nem detalhada no decorrer do enredo, portanto, é inconveniente

²⁸ LIDMILOVÁ, Pavla. *Alguns temas da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nórdica; Brasília: INL, 1984.

²⁹ MARTINS, Wilson. *O Modernismo (1916-1945)*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1977, p. 292 – 293.

³⁰ CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001, p. 38.

ser chamada de obra regionalista. No texto, a descrição do cenário só se destaca “enquanto ‘função’ para os personagens e ordenação numa ambivalência psicológica”³¹, por isso, *Música ao longe* é um diferencial; nela, o autor não obedeceu às intenções pragmáticas regionalistas.

Não muito distinto em *Caminhos cruzados*, onde Erico, por influência da literatura anglo-saxônica, escreve sobre o social, mas também sobre a revelação da engrenagem social, com a discussão dos seus mecanismos, dando início a análises sobre o indivíduo na projeção de sua humanidade. Meirelles cita que:

Caminhos Cruzados narra as lutas cotidianas, anseios e projetos dos setores médios urbanos, que têm em comum uma situação financeira difícil, em que sofrem para manter o aluguel em dia, para se estabelecerem no mercado de trabalho e para sustentarem suas famílias. Embora esses personagens habitem o mesmo espaço e atravessam situações e problemas semelhantes, é possível notar que não estabelecem qualquer tipo de laço de solidariedade. Ao contrário percebe-se com clareza um sentimento individualista e também de competitividade em relação aos demais³².

Fato este que fez com que a crítica permanecesse “reticente, enquanto setores da sociedade, liderados pela Igreja Católica e por políticos conservadores, acusavam o autor de imoralidade, atentado aos bons costumes cristãos e materialismo comunista”³³, entretanto a obra recebeu o prêmio Graça Aranha no mesmo ano de sua publicação e um louvor do escritor Jorge Amado, o qual segundo o livro: “[...] está uma beleza, graficamente [...] o livro é absolutamente notável.”³⁴. Por isso, afirmar ser Verissimo regionalista como são considerados alguns dos autores nordestinos é um equívoco.

Entretanto não posso deixar de mencionar outras obras de Erico, como: *Fantoches*, um conjunto de 17 contos; *Clarissa*, seu primeiro romance, cuja protagonista é uma adolescente da interiorana Jacarecanga que vai estudar na

³¹ CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001, p. 42.

³² MEIRELLES, Renata Costa Reis de. *Um retrato da paisagem urbana de Porto Alegre: as camadas médias urbanas na literatura de Erico Verissimo*. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro, 2008, p. 51.

³³ BORDINI, Maria da Glória. *Caminhos Cruzados e a crítica*. Disponível em <www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17550/16124>. Acesso em: 18 set. 2012.

³⁴ GONZAGA, Sergius. Erico e os modernos. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo*. Porto Alegre: Sulina, Secretaria Municipal da Cultura. Acervo Literário de Erico Verissimo, CPL, PUCRS, 1990, p. 38.

cidade de Porto Alegre; *Olhai os lírios do campo*, obra que atinge grande êxito de público, conseqüentemente, foi traduzida para vários idiomas e adaptada para o cinema e a televisão; *Saga*, recebido com reservas pela crítica, por se tratar de um tema distante da experiência do autor, a Guerra Civil Espanhola. Publica também o livro de memória *Solo de Clarineta*, mas, faleceu antes de concluir o segundo volume.

Em toda sua carreira literária, Erico Verissimo recebeu influências de escritores nacionais e estrangeiros, não só porque era um leitor assíduo de Eça de Queirós, Dostoievski, Tolstói, Walter Scott, Oscar Wilde, Anatole France, Willian Chesterton, Émile Zola etc., nos tempos de estudante, mas por ter trabalhado como tradutor durante muitos anos, traduzindo livros de Selma Lagerlöf, James Hilton, André Maurois, Aldous Huxley, Horace McCoy, John Steinbeck, dentre outros.

São autores que, indiretamente, ou até mesmo diretamente, ajudaram-no na elaboração dos seus escritos literários. Como o escritor aqui pleiteado morou nos Estados Unidos por alguns anos e fez viagens internacionais para dar palestras, teve a oportunidade de conhecer grandes talentos da literatura e do cinema, como James Hilton, Aldous Huxley e Walt Disney. O cruz-altense pôde explorar essas viagens em sua literatura, como *Gato preto em campo de neve*, publicado após percorrer durante três meses diversas cidades dos Estados Unidos, pronunciando conferências em convite feito pelo Departamento do Estado.

Por outro lado, ressalto também o êxito que Erico Verissimo conseguiu atingir com o público infantil. Além de escrever *As aventuras do avião vermelho*, o primeiro a ser publicado, em 1936, foi convidado a participar de um programa de rádio para crianças, nascendo, assim, *Amigo Velho*, programa transmitido ao vivo, do auditório da Rádio Farroupilha, ao cair da tarde, que proporcionava bons momentos para as crianças que participavam e ouviam o programa.

De acordo com Atelaine Normann Ew: “A poesia e os encantadores momentos compartilhados com o *Amigo Velho* não ficaram perdidos no tempo, mas povoam ainda a memória daqueles que foram crianças naqueles dias”³⁵. A professora, além disso, menciona um relato de Dona Cecília Álvares Cklöss:

³⁵ EW, Atelaine Normann. Amigo Velho. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo 1905-1990*. Porto Alegre: Sulina, 1990, p. 28-29.

Muitas crianças participavam do programa. Acho que Erico escolheu muito bem o nome Amigo Velho, pois ele demonstrava carinho por nós; era de fato um amigão! Nessa época eu tinha oito anos e era participante assídua do seu programa. Nele as crianças cantavam, declamavam e ouviam as histórias do Erico; os seus livros infantis já eram famosos na época. Depois de contar as histórias, ele fazia perguntas sobre elas. Quem acertava, ganhava um livro de brinde.³⁶

Como noto, Verissimo agradava as crianças com suas histórias e devido ao sucesso do programa de rádio, surgiu o “Clube dos Três Porquinhos”, que difundiu a literatura infantil entre a garotada. Dentre as obras para as crianças escritas por Erico, estão: *Os três porquinhos pobres*, *Rosa Maria no castelo encantado*, *Meu ABC* etc. Porém, apesar de atingir sucesso perante o público adulto e infantil, ter uma carreira sólida e o nome prestigiado na literatura brasileira, foi em *O tempo e o vento* que Erico Verissimo expressou seu poder de criação, narrando com acuidade a vida do povo do Rio Grande do Sul.

³⁶ EW, Atelaine Normann. Amigo Velho. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo 1905-1990*. Porto Alegre: Sulina, 1990, p. 28.

1.2 VERISSIMO, VERISSIMO... E O ROMANCE-RIO

Mas em qualquer época de minha carreira, sempre me preocupei apenas com o homem. Veja a trilogia *O tempo e o vento*. Não é a história. São estórias de personagens. Dou muito mais importância às pessoas do que a tudo o mais.

*Erico Verissimo*³⁷

Falar sobre Erico Verissimo é lembrar-se do grande romancista da literatura brasileira que ele é, no entanto, apesar do talento na escrita, para custear o sustento da família, teve que recorrer a outras profissões e, a exemplo de alguns escritores, como: Ferreira Gullar, Mario Quintana, Graciliano Ramos, Lima Barreto, Machado de Assis, exerceu a carreira no jornalismo. Nela, destacou-se de tal forma que conquistou o cargo de presidente-fundador da Associação Riograndense de Imprensa (ARI). No entanto a “carreira” de jornalismo já permeava na vida do cruzaltense desde novo. Ao estudar no Colégio Cruzeiro do Sul, em Porto Alegre, conseguiu uma vaga na equipe de redação do jornal, que se intitulava *O Pindorama*, e lá permaneceu durante três anos até retornar para Cruz Alta, no final de 1922. Como lia regularmente grandes autores da literatura nacional e internacional, sofreu grande influência dessas histórias e, conseqüentemente, estímulo para publicar suas histórias.

Todavia sua primeira publicação, que iniciou seu prestígio como escritor, só ocorreu em 1929,

[...] quando o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, publica o conto *A Lâmpada Mágica*, que foi aceito por De Souza Júnior, diretor do jornal, que anos mais tarde revelou: “quando teu conto me chegou, li o nome do autor, achei que era sugestivo e merecia ser reconhecido. Mande os originais imediatamente para oficina, sem os ler”³⁸.

Contudo foi na *Editora Globo* que Verissimo exerceu, durante muito tempo, a experiência jornalística. No ano de 1930, ele conseguiu emprego na *Revista do Globo*, na qual assume direção em 1932, onde indica e traduz livros, como, por

³⁷ Caderno de Literatura Brasileira. *Erico Verissimo*. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003.

³⁸ RITTER, Eduardo. *Erico Verissimo: um escritor entre o romance e o jornalismo*. (p. 83-92). Letras: cultura e diferença. Anais. [recurso eletrônico] / IX Semana de letras; FALE/PUCRS. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 401p. (23 a 25 de setembro de 2009). EdiPUCRS. (Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/com/Eduardo_Ritter.pdf>. Acesso em: 1 out. 2012, p. 86.

exemplo, *Contrapondo*, de Aldous Huxley, para a Globo. Como efeito de função de tradutor, Erico Verissimo tornou-se um especialista nas literaturas inglesa e norte-americana contemporâneas. De acordo com Sergius Gonzaga:

O resultado desta luta quase invisível pela feição expressiva foi o caráter moderníssimo da montagem de seus romances. De *Clarissa* a *Incidente em Antares* percebe-se o esforço de organização de ação e personagens, dentro é claro, de certos modelos de composição narrativa. A utilização de contraponto, por exemplo, em *Caminhos Cruzados* e *O reto é silêncio*, confere um dinamismo cinematográfico, um ritmo tenso e nervoso, uma visão caleidoscópica a tais relatos, que se tornam interessantes apesar da relativa fragilidade de suas ideias sobre a vida e o mundo³⁹.

Ainda em Gonzaga:

A síntese mais feliz de técnica, intriga e desvelamento do mundo dá-se em *O tempo e o vento*. A montagem do arcabouço temporal, a dialética entre passado remoto, passado próximo e presente, os comentários dos “raisonneurs” que povoam o texto, a mescla entre o grande painel e o miniaturismo de certas ações, o confronto permanente entra as forças destrutivas do tempo e a resistência simbólica do tempo, tudo funciona admiravelmente. O impacto histórico e por que não dizer metafísico do romance decorre de sua montagem. Uma montagem transparente, todavia. Engolfados pela crônica de amor e guerra, sofrimento e procura do sentido de existência, que demarca a existência dos personagens durante duzentos anos, não a deslumbramos. Mas ela está ali como um fio indispensável à construção do universo narrativo, como uma qualidade a mais do escritor que, o tempo inteiro, tentou se apresentar aos seus leitores e críticos como um homem sem qualidades⁴⁰.

Tendo em vista essa citação do escritor Gonzaga sobre os aspectos narrativos nos romances de Erico Verissimo, percebo que o cruz-altense, realmente, fez um trabalho diferenciado na sua trilogia, ante as demais obras. *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, é considerada, pela crítica literária, como a obra-prima do escritor. A construção da narrativa levou treze anos, iniciada no ano de 1949 fora finalizada em 1962. O romance está dividido em três volumes – “O continente”, “O retrato” e “O arquipélago” – e oito tomos, que somam mais de duas mil páginas, que

³⁹ GONZAGA, Sergius. Erico e os modernos. In: BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo*. Por Alegre: Sulina, Secretaria Municipal da Cultura. Acervo Literário de Erico Verissimo, CPL, PUCRS, 1990, p. 38-39.

⁴⁰ Idem, ibidem, p. 39.

narram a trajetória da família Terra e Cambará de 1745 a 1945, desde a formação da província rio-grandense até o fim da era Vargas.

De acordo com teóricos como Hohlfeldt⁴¹ e Lucas⁴², esse romance marca uma segunda fase de ficção de Verissimo, na qual se percebe um olhar crítico do escritor rio-grandense sobre a “formação” dos homens do Rio Grande do Sul, em que procurou mostrar, no enredo, o povo gaúcho com seus costumes e ideais. Para salientar estes aspectos de verossimilhança, muitos de seus personagens nasceram da inspiração de pessoas que conheceu e outras da própria família, sendo algumas transcritas, como “Laurinda, a cozinheira, [que] passou intacta da realidade para ficção”⁴³.

Em relação aos tipos de personagens criadas nessa obra, cito Ivan Marcos Ribeiro, de acordo com o professor, elas abrangem “todos os tipos indispensáveis à construção histórico social [...]; tem-se a presença de padres, médicos, tropeiros, latifundiários, pequenos proprietários, assassinos, vagabundos, desbravadores, entre outros”⁴⁴, todavia cabe ressaltar a figura feminina na trilogia.

Apesar de excluída no texto do pesquisador, e não ter uma voz ativa no enredo, é visível compreender uma presença feminina significativa em momentos de construção da história Rio-Grandense, pois personagens como Ana Terra e Bibiana influenciarão grandemente alguns personagens masculinos no decorrer da narrativa.

Contudo, antes de analisar a obra *Do diário de Sílvia*, penúltimo livro desta trilogia, detenho-me nos motivos que levaram os críticos a afirmar ser *O tempo e o vento* o melhor romance do cruz-altense. Segundo o escritor Fábio Lucas, é possível perceber características da ficção do autor, pois:

[...] embora o sentido épico da obra procure transcender a mera “crônicas de costumes” da fase anterior, com seu lirismo difuso [...] em *O tempo e o vento* surpreendemos com um projeto dimensionado na reconstrução de episódios históricos que compõem a formação do estado do Rio Grande do Sul e a estrutura comportamental do gaúcho. Ali estão, por exemplo, referências à Coluna Prestes, à

⁴¹ HOHLFELDT, Antonio. Terra de contrastes. In: *Caderno de Literatura Brasileira*. Erico Verissimo. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003.

⁴² LUCAS, Fábio. O discurso avaliativo de Erico Verissimo. In: *Caderno de Literatura Brasileira*. Erico Verissimo. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003.

⁴³ HOHLFELDT, Antonio. Terra de contrastes. In: *Caderno de Literatura Brasileira*. Erico Verissimo. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003, p. 88.

⁴⁴ RIBEIRO, Ivan Marcos. *Sob a égide da vaidade e da arte: aproximação entre Erico Verissimo e Oscar Wilde*. Tese (Doutorado em Letras). São José do Rio Preto, 2004, p. 15.

Constituição de 1934, ao golpe de 10 de novembro de 1937, à queda da ditadura Vargas, a 29 de outubro de 1945. Na imaginada cidade de Santa Fé aparecem os integralistas, geralmente descendentes de alemães e surge um comunista, Arão Stein⁴⁵.

Como percebo na trilogia Verissimo ultrapassa o estilo de “mera crônica”, para um texto mais rebuscado de conhecimento histórico, procurando escrever e mostrar acontecimentos do mundo e do Brasil, sobretudo da região sul. O autor ainda afirma que o romance explora os valores da terra natal e da família organizada sob a base patriarcal. No entanto destaca uma nova menção ao desvio ideológico de Verissimo: elaborar uma crítica sutil ao machismo, em plena era da dominação masculina, uma vez que representa a personagem Ana Terra como uma mulher forte, de alta resistência e decisão.

Já para o escritor Ademar Agostinho Sauthier⁴⁶, o aspecto a ser exaltado não é apenas o discurso histórico da formação do Rio Grande do Sul, mas a construção da identidade do ser humano, pois, ao apresentar as personagens, Erico dissecou os conflitos vividos por eles num plano local, nacional e internacional:

Os fatos da história ou os passos do romance não são apenas contados. São acima de tudo debatidos, analisados e criticados através da linguagem de contraposição de acontecimentos ou através de diálogos incisivos e esclarecedores. Sumamente válidos, portanto, os escritos de Erico Verissimo para encaminhar uma pesquisa ligada à realidade humana do Rio Grande do Sul e do Brasil. O desenrolar da história assume dois aspectos importantes e complementares. De um lado é a análise a partir de dentro do processo, apresentando as reações genuínas dos personagens diretamente envolvidos na ação. É a reação nativa, local, crioula e guasca. De outro lado é feita a análise e são tecidos muitos comentários a partir de pessoas com outra cosmovisão, a partir das correntes de pensamento de todo o mundo num horizonte amplo e abrangente. É o estudo mais elaborado assumindo a problemática humana em dimensões universais. A linguagem e a fala do povo encerram e, ao mesmo tempo, expressam a maneira mais profunda de ser e de conviver.⁴⁷

Desse modo, então, entendo que a discussão em torno do ser humano é maior do que as alusões históricas mencionadas no texto, o que faz dessa obra, de

⁴⁵ LUCAS, Fábio. O discurso avaliativo de Erico Verissimo. Caderno de Literatura Brasileira. *Erico Verissimo*. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003, p. 129.

⁴⁶ SAUTHIER, Ademar Agostinho. *Liberdade e compromisso*: “O Tempo e o Vento” de Erico Verissimo. [recurso eletrônico] Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008.

⁴⁷ Idem, ibidem, p. 11.

acordo com Sauthier, ser digna de prestígio como única aqui no Brasil, ao tratar, com extrema acuidade, dos temas homem e liberdade:

Na realidade histórica muitos são os tratados, no Brasil e no mundo, versando sobre o tema do homem e da liberdade, mas, pelo que conhecemos, não há trabalho que assuma este exame preciso e especificamente no seu desenrolar histórico e situacional dentro do Rio Grande do Sul, envolvendo esta porção de povo gaúcho, neste determinado tempo, conforme Erico Verissimo expõe de maneira especial em *O Tempo e o Vento*.⁴⁸

O clássico do sulista instiga uma leitura cujo objetivo é encontrar as respostas para o conflito vivenciado pelos personagens e pela sociedade, pois a obra permeia diversas áreas do conhecimento como a filosofia, psicologia, sociologia e história, mostrando que, na escrita literária, não se tem apenas uma fantasia descompromissada, mas pode-se encontrar um estudo questionador do homem em geral.

Para o estudioso Flávio Loureiro Chaves, *O tempo e o vento* pode ser pesquisado, *a priori*, como um romance cujo “ponto de partida [se dá] na passagem do espaço mítico à duração histórica”⁴⁹, pois, desde o início do enredo, há uma data já inscrita entre os fatos. A trilogia, então, tem como fundamento o fazer histórico no mais profundo sentido do termo, pois há apresentação dos personagens, a localidade, o tempo da cidade e da família, a representação do social; tempo e sociedade são as categorias essenciais do romance.

Para que esse aspecto fosse representado na elaboração do romance, o crítico Chaves procura explicar a técnica empregada pelo autor na elaboração de *O tempo e o vento*, por isso, recorre ao pensamento de Edward López e Penuela Canizal, que argumentam:

Erico Verissimo utilizou da técnica de redução das grandes estruturas às dimensões mais facilmente manejáveis de um modelo constituído em escala diminuta. Desse modo centrou o tempo social e o espaço social de um Estado ao tempo e espaço domésticos de uma família. [...] Poder-se-ia supor que Verissimo tivesse escrito um romance histórico. Suspeitamos que não seja rigorosamente verdadeiro, porque todas as personagens históricas que a obra inclui estão relegadas a um plano secundário e não chegam jamais a

⁴⁸ SAUTHIER, Ademar Agostinho. *Liberdade e compromisso*: “O Tempo e o Vento” de Erico Verissimo. [recurso eletrônico] Porto Alegre: EdIPUCRS, p. 15.

⁴⁹ CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001, p. 91-113.

conquistar autonomia. Elas fornecem apenas motivações que impulsionam as personagens principais à ação. Estas por sua vez, são todas fictícias. Além disso, tudo o que Verissimo capta da dinâmica histórica se assimila à natureza fictícia da obra que constrói. Importa aqui mais o 'processo' do que o 'fato', o 'mecanismo' mais do que a 'natureza' ou o 'conteúdo' dos acontecimentos.⁵⁰

Com base nos teóricos acima citados, compreendo que o livro de Verissimo, mesmo utilizando de menções históricas na obra, não deve ser considerado um romance histórico, uma vez que os personagens históricos estão em segundo plano. Contudo essa afirmativa é refutada por Chaves, que explica, com base nos estudos de Lukács, que, “na maioria dos grandes romances históricos, as personagens historicamente reais são secundárias⁵¹”, porém o crítico aceita o estudo de López e Canizal, porque entender que Verissimo, em *O tempo e o vento*, atribui maior ênfase ao processo de construção da narrativa, que ao enredo em si.

Sob outra óptica, o escritor Lotário Neuberger propõe uma discussão teórica centrada no aspecto da intertextualidade que o escritor gaúcho realizou em *O tempo e o vento*. Apesar da sutileza impressa na obra, percebe-se que há “uma gama de outros textos, sobretudo históricos e referências de lendas regionais. Lendas antes descritas por Simão Lopes Neto são transpostas, em um novo estilo, para as páginas de Erico”.⁵²

Outro fator sublinhado pelo pesquisador foi a presença de um grande narrador no enredo. Neuberger afirma que Verissimo observou o cotidiano do povo gaúcho, os costumes e tradições numa tentativa de reconstruir o que foi e representou o homem na construção do Rio Grande do Sul; por isso, há resquícios de outros textos como os históricos na trilogia. Ele encerra o texto comparando o autor a um cronista, com base no pensamento de Benjamim, que explica ser o cronista um narrador da História.

⁵⁰ LÓPES, Edward; CAÑIZAL, Eduardo Peñuela. *O realismo intra-histórico de O tempo e o Vento*. Revista de Letras, Assis, v. 12, 1969. *Apud* CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001, p. 93.

⁵¹ CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001, p. 93.

⁵² NEUBERGER, Lotário. A intertextualidade em Erico. *In*: MORETTO, Fúlvia M. L. *et. al. Erico e seu tempo*. Porto Alegre: Ediplat, 2005, p. 125-130.

Dentre os críticos que estudam Verissimo, encerro com Maria da Glória Bordini e Regina Zilberman⁵³, que, para ratificar o valor de *O tempo e o vento*, elaboraram um artigo no qual comentam diversos autores, a validade desta obra, como sendo um texto inovador, pois foi escrita no momento em que os propósitos estéticos do Modernismo brasileiro eram questionados. Mostram que é um livro ilustre e que faz jus de pertencer ao cânone literário, por expressar simbolicamente as características de um momento histórico, mais precisamente, do Rio Grande do Sul, e ser um livro em que nenhum historiador poderá negar os aspectos sociais nele apresentados.

É partindo desses pressupostos citados que viso analisar a trilogia por um ângulo diferente, pois é inegável não perceber como o livro *Do diário de Sílvia* rompe com a narrativa em terceira pessoa de toda obra, uma vez que, por ser um texto narrado em primeira pessoa, que visibiliza toda uma concepção intimista do “eu” de quem escreve, revelando, assim, os aspectos mais pessoais de quem escreve, e também por ter como principal protagonista uma narradora/personagem feminina, neste caso, Sílvia Cambará, mulher que busca fazer uma reflexão de sua vida num diário.

⁵³ BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 13-20.

CAPÍTULO II

A PRESENÇA DA LITERATURA CONFSSIONAL NO TEMPO E O VENTO

2.1 O ASPECTO INTIMISTA NA TRILOGIA

La individualidad, tal y como existe
en la realidad y a nivel de ideal, es producto
de un largo proceso histórico.

*Agnes Heller*⁵⁴

O gênero confessional, ou os textos biográficos e autobiográficos constituem aspectos marcantes do século XX. Nesse período, houve um grande surgimento de livros como diários íntimos, memórias, relatos pessoais, correspondências e confissões. A escrita de si, centrada no sujeito, de modo que este seja objeto do seu próprio discurso, possibilita a reelaboração dos vários aspectos constituintes do “eu” que escreve, além disso, permite que suas vivências e fatos históricos sejam salvos do esquecimento. Conforme explica Leonor Arfuch:

A simples menção do “biográfico” remete, em primeira instância, a um universo de gêneros discursivos consagrados que tentam apreender a qualidade evanescente da vida opondo, à repetição cansativa dos dias, aos desfalecimentos da memória, o registro minucioso do acontecer, o relato das vicissitudes ou a nota fulgurante da vivência, capaz de iluminar o instante, a totalidade.⁵⁵

Todavia, há que se considerar que a escrita em primeira pessoa não foi “criada” no século XX, ao contrário, existem estudos que discutem a existência dessa narrativa já no século XII; exemplos são as cantigas de amor e de amigo da lírica portuguesa medieval, em que o poeta declamava seu amor.

Contudo foi no período do Renascimento que a presença do “eu” teve um grande marco. De acordo com a escritora Ágnes Heller, que chama atenção, no seu livro *El hombre del Renacimiento*, para a criatividade desse período, uma vez que a

⁵⁴ HELLER, Ágnes. *El hombre del Renacimiento*. Ediciones Península, 1978, p. 204.

⁵⁵ ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010, p. 15.

personalidade renascentista foi uma forma individual que despertara suas forças no egoísmo do homem:

El egoísmo renascentista fue *creativo* y no estaba orientado exclusivamente hacia la particularidad del ser humano individual, sino ante todo y en primer lugar hacia su trabajo, que era siempre trabajo individual y cuyo feliz resultado se encontraba indisolublemente unido al triunfo del individuo.⁵⁶

Desse modo, a teórica húngara expõe que a individualidade consistia no trabalho do homem, o qual possibilitava o crescimento do ser humano em seu todo, por isso, o reconhecimento desse período, considerando-o uma época de grandes produções autobiográficas. Para esclarecer a citação a autora menciona o texto *As Confissões*, do século V, de Santo Agostinho, considerado um exemplo de autobiografia.

Na obra, é retratada uma personalidade de extrema significância, que expressa um mundo representativo e dinâmico. Agostinho escreve, em suas confissões, um relato de sua vida, e, mesmo procurando demonstrar toda a fé em Deus, não omite os pecados praticados contra os ensinamentos de Cristo, no entanto buscou transformar sua conduta com base nos princípios cristãos:

Agustín – repitámoslo – buscó por sí mismo y por sí mismo encontró una fe y un contenido vital, y en ello consistió su mérito, su fuerza y su grandeza. Por su parte lo atribuyó todo a la gracia de Dios – fue ésta una parte de la verdad encontrada –, pero el lector actual sigue maravillándose ante la personalidad sorprendente y magníficamente perfilada del autor de esa autobiografía, su incansable cuestionar y el moldeamiento consciente de su propia vida.⁵⁷

Assim, a escrita de Agostinho prima pelo aspecto de autobiografia por ser um testemunho de vida com traços de exterioridade, mas também por relatar os conflitos do próprio autor e sua remissão de vida, uma vez que ressalta, de acordo com Heller, seu próprio mundo. Semelhantemente a Agostinho, as *Confissões* de Rousseau proporcionam uma revelação do “eu” que se inscreve no texto, pois também revela conflitos internos do escritor e como este propôs expor sua história no texto:

⁵⁶ HELLER, Ágnes. *El hombre del Renacimiento*. Ediciones península, 1978, p. 206.

⁵⁷ Idem, ibidem, p. 242.

Soe quando quizer a trombeta do juízo final: virei, com este livro nas mãos, comparecer diante do soberano Juiz. Direi altivo: “Eis o que fiz, o que pensei, o que fui. Disse o bem e o mal com as mesma franqueza. Nada calei de mau, nada acrescentei de bom; e se me aconteceu usar algum ornato indiferente, não foi nunca para preencher um vácuo da minha falta de memória. [...] Mostrei-me tal qual era: desprezível e vil quando o fui; bom, generoso, sublime, quando fui; desnudei o meu íntimo, tal como tu próprio viste, Ente Eterno.”⁵⁸

É notório, então, que o “eu”, nesse momento do texto, busca afirmar o quanto procurou ser sincero em sua vida, ao relatar as atitudes boas ou ruins com a mesma franqueza, não abrindo espaço para nenhuma dúvida em relação a sua conduta na terra. Mesmo sendo questionável, essa posição de Rousseau, de total lisura, o fato é que o discurso intimista está presente no texto de modo revelador, fazendo com que suas *Confissões*, assim como as de Agostinho, sejam um marco do século XVIII, o que reforça a concepção de Maria Luiza Ritzel Remédios⁵⁹, pois argumenta que foi devido à emergência da sociedade burguesa que a escrita íntima se fortaleceu como gênero, exatamente no momento em que o homem ocidental adquiria uma clara convicção histórica de sua existência.

2.1.2 DIÁRIO: A QUEBRA DA ESTRUTURA DE O TEMPO E O VENTO

Ao pesquisar sobre o estudo da escrita de si, pude entender que este só se institui como um gênero literário no século XX, uma vez que o homem projeta para o seu “eu” e “celebra, mais que qualquer outro, o triunfo da individualidade”⁶⁰. Todavia não é apenas na área da literatura que o aspecto intimista é apresentado.

Segundo Olmi, ao discutir sobre a multiplicidade da forma autobiográfica, afirma ser possível perceber que esta permeia os campos de estudo da “psicologia, ética religiosa, história do pensamento, teoria do conhecimento, neurociências, filosofia e política”, porém, diferente da escritora, mesmo nesse amplo panorama, considero que a marca do gênero confessional é o aspecto narcisista do texto,

⁵⁸ ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. Tradução livros I a X Raquel de Queiroz, livros XI e XII José Benedicto Pinto. São Paulo: EDIPRO, 2008, p. 29.

⁵⁹ REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org.). *Literatura Confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997, p. 9-15.

⁶⁰ OLMÍ, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz: EDUNISC, 2006, p. 12.

porque um dos objetivos de escrever sobre alguém ou sobre si é a vontade de revelar os segredos mais obscuros do “eu”.

Quando ocorre esse desejo de relatar o que fora sempre silenciado, o autor da escrita pode recorrer às diversas formas que, apresentam o “outro lado”, como: cartas, memórias, testemunho e diários. É nesse último arquétipo, chamado diário, cuja narrativa é elaborada no momento dos acontecimentos ou num aspecto retrospectivo curto ante o ocorrido, que pretendo aprofundar no teor da pesquisa aqui realizada.

A elaboração de um diário pode ter estímulos e pretensões variadas. Uma pessoa pode iniciar sua escrita para guardar um momento de sua vida, uma viagem, uma crise pessoal ou familiar, mas tem por intenção, muitas vezes, desabafar o sofrimento vivido, relatar as angústias e as decepções.

De acordo com o escritor Philippe Lejeune: “O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco antes de voltar, mais leve, ao mundo real”⁶¹. Ainda sobre o gênero, segundo a escritora Sheila Dias Maciel, o diário pode ser definido como:

[...] uma crônica cotidiana de uma experiência pessoal e quem o escreve (e se inscreve) interessa-se por anotar pequenas coisas do dia-a-dia ao lado das grandes dúvidas e indagações humanas. Para se compor um diário só é necessário escrever periodicamente, percebendo o imediato, seguindo a monotonia infringida pela repetição dos dias. Três elementos são fundamentais nesta composição: o narrador que escreve em primeira pessoa sobre si e sobre a realidade diária, não tendo acesso ao futuro e mantendo uma periodicidade, ainda que variável.⁶²

Por esse viés, vejo que o gênero diário, além de criar uma “ilusão de espontaneidade e do imediatismo”⁶³, tem o objetivo de guardar as lembranças do “eu” que escreve, impedindo o esquecimento, o que possibilita um resgate do passado em um momento posterior, ou seja, permite uma (re)criação das memórias – uma nova história – no momento da escrita. Além do mais, o diário pode ser

⁶¹ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita M. Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 262.

⁶² MACIEL, Sheila Dias. *Diários: escrita e leitura do mundo*. ANALECTA Guarapuava, Paraná, v. 3, n.º 1, p. 57-62 jan/jun. 2002, p. 2.

⁶³ MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os Gêneros Confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias (Orgs.). *Em diálogo. Estudos Literários e Linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 86.

apresentado, ou melhor, exposto de dois modos de narrar, empírico e ficcional. De acordo com Robert Scholes e Robert Kellogg:

Na narrativa mítica ou tradicional, os acontecimentos narrados ficam sempre bem atrás, no passado, e a própria tradição traz consigo uma certa autoridade. O poeta épico é um repositório de tradição, preenchendo simultaneamente as funções de “animador” e historiador. A tradição lhe outorga a sua autoridade. Limita também sua flexibilidade. A invocação familiar à musa na epopeia homérica bem pode representar uma tentativa, por parte do poeta épico grego, no sentido de mudar a autoridade da estreita tradição para a inspiração que, por ser pessoal e criativa, é mais livre.⁶⁴

Ao ler o trecho acima, percebo que o poeta/escritor tem a possibilidade de criar e recriar acontecimentos conforme seus desejos, fazendo com que o personagem elaborado possa ter características reais ou meramente imaginárias. Já na descrição da narrativa empírica, Scholes e Kellogg esclarecem o seguinte:

Os historiadores gregos substituíram em suas narrativas a autoridade da tradição por uma nova espécie de autoridade. O *histor*, como narrador, não é um gravador ou narrador minucioso, mas um investigador. Examina o passado, visando a separar a realidade do mito.⁶⁵

Ou seja, a escrita da narrativa empírica busca representar o real para transmitir um teor de verossimilhança no momento da leitura, podendo o leitor “acreditar” fielmente nas declarações apresentadas. Partindo deste conhecimento, acredito que *Do diário de Sílvia* deve ser entendido, não simplesmente como mais um livro da trilogia, mas uma possível intenção do escritor Verissimo em mostrar, de forma diferenciada, a individualidade do ser humano.

Primeiro, porque o diário tem como marca a revelação de um “eu”, pois é por meio da escrita que o olhar intimista da personagem é apresentado de vários ângulos, uma vez que não apenas suas vivências pessoais atuais estão sendo relatadas, mas por inserir as “memórias”, assim como suas projeções futuras, no texto.

Segundo, o lugar em que foi colocado, no tomo final de *O tempo e o vento: O arquipélago*, parte esta da trilogia que marca toda uma desconstrução da coletividade de *O continente*, para uma visão mais intimista da vida dos

⁶⁴ SCHOLES, Robert. KELLOGG, Robert. *A natureza da narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977, p. 170.

⁶⁵ Idem, ibidem, p. 170-171.

personagens, o que causa um certo estranhamento, ou melhor, uma quebra na leitura, uma vez que a narrativa de toda a obra se encontra na terceira pessoa, em que o narrador descreve os fatos e os personagens, mas sem participar ativamente do enredo, e o diário, contudo, é escrito todo na primeira pessoa. Além do mais, é uma figura feminina que aborda esse eixo narrativo, que é um fato distinto, uma vez que são os homens que possuem a força e a ênfase na trilogia, nesse momento, é ela que adquire um “poder” de mostrar a visão da mulher em relação aos pensamentos e aos fatores sociais.

É por meio dessa escrita de si que noto como Verissimo explora o caráter de verossimilhança da personagem. O autor apresenta-a por um olhar subjetivo e introspectivo ao leitor, o que transmite a sensação de que realmente há uma Sílvia e esta, ao ser retratada no diário, permite ao leitor conhecê-la, e não só pelo viés físico, mas principalmente pelo psicológico, o seu “outro lado”. Para ratificar essa concepção, recorro a Candido que afirma:

A personagem é um ser fictício, - expressão que soa como um paradoxo. De fato, como pode uma ficção *ser*? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.⁶⁶

Ao observar o conceito de Candido, vejo como o escritor o utilizou, de certa forma, na elaboração da personagem Sílvia, apesar de saber que há “afinidades e diferenças essenciais entre o ser vivo e os entes de ficção”⁶⁷, ao ler o diário da personagem, cria-se um sentimento de verdade, pois os aspectos citados no textos, como: o sofrimento pelo amor inatingível pelo cunhado, a falta de carinho pela própria mãe e a infelicidade no casamento, são fatores frequentes em qualquer sociedade e que podem ocorrer na vida de que qualquer pessoa.

No entanto a obra *Do diário de Sílvia* não é o primeiro diário ficcional do escritor Erico Verissimo, pois, ao realizar o levantamento crítico das obras por ele publicadas, encontro, entre as escritas, alguns livros como: *Gato preto em campo de*

⁶⁶ CANDIDO, Antonio. *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 55.

⁶⁷ Idem, *ibidem*, p. 55.

neve, A volta do gato preto, caderno de pautas simples, que intercalam a narrativa de *O tempo e o vento*, escrito por Floriano, considerado o “alter ego” de Verissimo, ou até mesmo “*Música ao longe*, [cuja personagem] Clarissa, escreve um diário, que recorre simultaneamente com a narrativa em terceira pessoa”⁶⁸.

Desse modo, então, percebo que a escrita intimista sempre permeou os textos do autor, pois, em diversos momentos de sua carreira literária, Verissimo se utilizou do recurso intimista para falar do cunho social e íntimo na obra literária. Entretanto, como na atual pesquisa o foco é o livro *Do diário de Sílvia*, ressalto, desde já, que, apesar do final do diário aparecer no último livro, *O tempo e o vento*, *Encruzilhada*, a análise se fará apenas na escrita de Sílvia.

⁶⁸ MANNA, Lucia Helena Sgaraglia. *Diários e ficção: as escritas entretecidas de Erico Verissimo*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 118.

2.2 O “EU” DA PERSONAGEM

A história da minha vida não existe. Isso não existe. Nunca há um centro. Não há caminho, nem linha. Há vastos lugares onde se faz crer que havia alguém, não é verdade, não havia ninguém. A história de uma pequeníssima parte da minha juventude, escrevi-a já mais ou menos, enfim, quero dizer, dei uma ideia, falo justamente desta, da travessia do rio. O que faço aqui é diferente, e semelhante. Antes, falei dos períodos claros, dos que estavam iluminados. Aqui falo dos períodos ocultos dessa mesma juventude, de certas dissimulações que teria operado sobre certos factos, sobre certos sentimentos, sobre certos acontecimentos.

Marguerite Duras⁶⁹

Em seu diário, a personagem principal Sílvia Cambará relata os segredos mais íntimos da vida. São reflexões sobre os problemas que ocorreram no trilhar da caminhada de sua história, como as decepções sofridas pela falta de carinho por parte da mãe, o amor secreto pelo cunhado Floriano, a infelicidade no casamento, a “paixão” pelo padrinho Dr. Rodrigo Cambará, os problemas sociais que a afligem, como o governo ditatorial de Getúlio Vargas, o relacionamento deste com o padrinho, as guerras na Europa, que abalavam o comportamento dos habitantes de Santa Fé, dentre outros fatos que a personagem resolve “desabafar” por meio da escrita.

É por não conseguir guardar e ocultar tudo dentro de si, que Sílvia recorre ao diário para poder fazer uma “dissecação da sua vida”. Apesar de principiar a escrita do diário mencionando o clima – “Chove sem parar faz três dias. Devagarinho, miudinho, como para azucrinar os que gostam de sol, como eu [...] O vento hoje anda correndo e uivando como um desesperado por céus”⁷⁰ – a personagem quer realmente confessar coisas que lhe passam pela mente, que não pode contar a ninguém a não ser ela mesma, pois acha mais fácil “lamber as próprias feridas na solidão, a portas fechadas”⁷¹. Fato este característico do diário íntimo, onde o “eu” faz um relato de sua experiência de vida e que também me remete à análise de

⁶⁹ DURAS, Marguerite. *O Amante*. Tradução Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 12.

⁷⁰ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 7.

⁷¹ Idem, *ibidem*, p. 8.

Georg Simmel: “o segredo assim oferece, digamos, a possibilidade de um segundo mundo”⁷², o que lhe permite, então, revelar seus mistérios.

E nesse momento que explicita o principal motivo de escrever:

Preciso fazer exercícios de franqueza. Para começar, perguntando a mim mesma se Floriano não terá sido o motivo desde jornal. Sim foi, mas não o único. Nem mesmo o principal, apesar da grande importância afetiva que ele tem na minha vida. Surgiu um novo “possível amor” no meu horizonte espiritual: Deus. Através da correspondência que mantivemos entre 1936 e 1937, Floriano com seu agnosticismo muito fez (inconscientemente, claro) para afastar de mim esse possível rival. Meu amigo cessou de me escrever, mas Deus continuou onde estava.

Afinal de contas, onde está mesmo Deus? Não sei. Sinto que ainda não o avistei. Se Ele me conceder a graça da Sua presença, estou certa de que minha vida mudará para melhor. Em suma, necessito de Deus.⁷³

O ensejo de a moça ansiar por um ser sobrenatural, é porque precisa de uma mudança de vida, um milagre, uma cura em suas feridas, sendo essas abundantemente densas. Sílvia, ao permitir, ou melhor, aceitar muitas “imposições” dos outros e não lutar pelo que realmente desejava, ou até mesmo por não conseguir dizer “não” quando tinha vontade, pois era “eternamente” submissa aos moradores do Sobrado, aceitara a ideia de ser uma mulher fraca e dependente.

Atributo esse herdado da mãe, pois era uma mulher fria e amargurada. Ao ter que assumir a criação de uma filha sozinha, com apenas vinte e cinco anos de idade, devido ao falecimento do marido, que morreu deixando apenas dívidas, já que este, quando era vivo, não tendo muito caráter, e dera um desfalque na firma onde trabalhava e só não foi preso graças ao Dr. Rodrigo, que reembolsou o dinheiro à companhia, fez com que ela abdicasse de sua vida em prol de sustentar a si e a filha, trabalhando dia e noite na máquina de costura. E por consequência da pouca renda, elas viviam numa casa de extremo desconforto, porque era a única forma de sobreviver.

A amargura da mãe exalava pela casa inteira, e, por ter crescido nesse ambiente, Sílvia não conseguia trazer à memória boas lembranças da mãe, ela só

⁷² SIMMEL, Georg. *O segredo*. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/JQITtkX/SIMMEL_Georg_O_Segredo.html>. Acesso em: 26 set. 2011, p. 1.

⁷³ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 9.

conseguia remexer nas duras palavras que esta lançava. Ao lembrar-se da mãe, descreve-a:

[...] minha mãe tinha uma pele um pouco cor de terra. Ela mesma era uma terra triste e seca, que produzia frutos escassos e amargos. Porque essas coisas impiedosas? Elas me saem da pena espontaneamente. Não foram premeditadas nem desejadas. Não me deixam nada orgulhosa de mim mesma. Pelo contrário, me assustam, fazendo-me ver as víboras que se retorcem no meu poço interior. Luto com o desejo de arrancar fora esta página. Mas não. A página fica. Minha mãe era viúva e muito pobre. Ganhava a vida como modista. Meu pai morreu quando eu tinha apenas três anos de idade e não deixou “nada a não ser dívidas”, como mamãe não cansava de repetir. Cresci entre nossa meia-água e o Sobrado. [...] Era uma mulher triste e amarga, de pele oleosa e voz lamurienta. Teria sido preferível que gritasse comigo, que batesse em mim, a viver choramingando suas queixas, falando em morrer e ameaçando-me com o abandono da orfandade completa.⁷⁴

Ao trazer à tona as lembranças do passado da mãe, no diário, Sílvia rompe com uma particularidade desde gênero que é definida por Maciel como “a escrita à medida que os fatos vão acontecendo”⁷⁵, neste momento, vejo que a volta ao passado é uma necessidade de ela tentar entender as angústias internas que a afligem, porque não aceita ter pela própria mãe um sentimento tão ruim e negativo, porém, mesmo tentando buscar lembranças positivas, não é capaz de esquecer a amargura e a falta de carinho materno. Quando procura justificar as atitudes maldosas da mãe – perdoa-lhe –, é algo que não consegue em razão de toda a dor que sente. E essa dor é revelada quando descreve a casa que vivia com a mãe. Sílvia afirma o quão era deprimente morar naquele lugar: “Tudo na minha casa parecia pobre, triste e feio. Os bicos nus de luz elétrica pendiam no teto na ponta de fios que no verão se cobriam de moscas. As paredes caiadas ficavam manchadas de umidade no inverno”⁷⁶. São estas as recordações de infância que guardara dentro de si.

A moça continua a retratar a mãe com pouca ou praticamente nenhuma qualidade, apesar de saber o esforço desta para cuidar da filha, não consegue

⁷⁴ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 44-45.

⁷⁵ MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os Gêneros Confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias (Orgs.). *Em diálogo. Estudos Literários e Linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 85-86.

⁷⁶ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 46-47.

apagar da mente a pessoa rancorosa que sua mãe se tornara. Dessa forma, Sílvia busca na figura paternal um elo carinhoso.

O pai, para a protagonista, era um homem bonito, simpático, doce, apesar de ter apenas uma foto como lembrança deste homem, pois ele morreu quando ela tinha apenas três anos de idade, e ela o idealizava. Aos seis anos, questionava a mãe sobre a vida do seu pai, como este era, mas ela não respondia ou então apenas resmungava: “Boa bisca”⁷⁷ e, por causa das denúncias, de um pai irresponsável, mulherengo e desonesto, da própria mãe ela, então, resolve criar uma imagem paternal.

Aos onze anos, começou a inventar histórias para as amigas, contava que ele era marinheiro:

Meu pai era marinheiro (sempre tive fascinação pelo mar, que até hoje não conheço), viajava principalmente no Mediterrâneo, tinha amigos em Malta, Creta e Chipre, usava um brinco na orelha e vendia belos panos de brocado de ouro, e pedras preciosas. Um dia caçando na Índia, caiu do seu elefante e foi devorado por um tigre de bengala.⁷⁸

Eram enredos como esse que a personagem relatava para os amigos da escola. No entanto a elaboração de um pai significava muito mais que recriar um “homem”, na realidade, era um meio de fugir dos problemas, da falta de atenção, de carinho e como Dr. Rodrigo Cambará era seu padrinho e muito carinhoso com ela, vê nele um substituto ideal para o cargo paterno.

O senhor Cambará considerava-a como uma filha, pois, como morava numa casa sem conforto, Sílvia estava sempre no Sobrado, ia pra lá brincar com os filhos do padrinho e, assim, recebia carinho de todos que lá moravam. Ela era muito grata à família Cambará, além dos presentes e cuidado que recebia foi Dr. Rodrigo, que a ajudou financeiramente em todos os seus estudos e saldou o tratamento médico da mãe de Sílvia até a morte:

[...] meu padrinho foi sempre o meu herói. O mais belo homem do mundo. O mais valente. O mais justo. O mais inteligente. O mais generoso. Se era possível um ser humano atingir a perfeição, padrinho a tinha atingido. Era assim que eu pensava e sentia quando

⁷⁷ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 47.

⁷⁸ Idem, *ibidem*, p. 47.

menina e adolescente. Era cega, *queria* ser cega a tudo quando tendesse a manchar ou desmanchar essa imagem ideal.⁷⁹

Dr. Rodrigo era o pai que a personagem tanto desejava, um homem fino, educado, inteligente e sempre a ajudava em tudo que necessitasse. Entretanto, mesmo optando em não querer enxergar os defeitos do “pai adotivo”, um dia, após retornar do Sobrado, lê o título do jornal *A voz da terra* que trazia a notícia da morte de uma jovem que havia tomado veneno, por ter sido desonrada por um homem casado. A mãe, ao notar que Sílvia viu o jornal, murmurou: “‘aposto como o bandido é um desses graúdos de colarinho duro’ [...] ‘É bom a gente não se iludir com os homens. São todos iguais. Todos!’”⁸⁰. A filha não queria entrar em conflito com a mãe, porém esta aproveitou o ensejo e continuou a falar e agora contra o padrinho, mesmo Sílvia não entendendo o porquê de tanto ódio, ressentimento e raiva que a mãe tinha do Dr. Rodrigo Cambará:

Eis suas palavras cruéis: “Teu padrinho mesmo, que parece tão direito, não é diferente dos outros... Um dia fez mal para uma moça e a coitada se matou”. Gritei: “É mentira!”. Minha mãe me olhou, espantada: “Morde essa língua, desaforada!”. Saí da sala e me meti no quarto. Mamãe, porém, me seguiu: “Se achas que estou mentindo, pergunta às pessoas que sabem. Foi em 1915. Tu nem eras nascida, mas eu me lembro. A moça era alemoa ou coisa que valha. Uma família de músicos. Tomou veneno”.⁸¹

Sílvia não queria escutar coisas horrorosas do amado “pai”, principalmente ditas daquela forma tão cruel; por que a mãe fomentava dúvidas em seu espírito contra o padrinho? Ela não entendia e entristecia-se com as duras palavras. No entanto acreditava que tudo poderia ser mesmo verdade, pois ela mesma já havia visitado o túmulo e levado flores para Toni Weber, a suicida.

Todavia os relatos não abalaram sua “devoção” ao amado padrinho que, mesmo ao tê-la entristecido ao se decidir ir, juntamente com a família, morar no Rio de Janeiro, Sílvia aceitou, embora apaixonada por Floriano, o pedido dele para que casasse com seu filho Jango: “Quero-te como a filha que perdi. Tu me darias uma imensa alegria se casasse com o Jango, que tanto te ama. Pensa que está no teu alcance tornar esse bom e leal campeiro um homem venturoso”⁸². Ela não tinha

⁷⁹ Idem, ibidem, p. 79.

⁸⁰ Idem, ibidem, p. 77.

⁸¹ Idem, ibidem, p. 77-78.

⁸² Idem, ibidem, p. 13.

como recusar um pedido do homem a quem tanto respeitava, e também, por temer ficar sozinha como a mãe, aceitou se casar com Jango Cambará, que considerava praticamente um irmão:

Oito da manhã. Acabo de dar café ao meu marido, como uma esposa que se esforça por ser exemplar. A comédia continua. Represento como posso. Mas não posso muito. Não tenho talento de atriz. Não consigo decorar meu papel. Falo e me movimento no palco sem convicção. Não presto atenção nas deixas de Jango. Isto é: não digo nem faço no momento exato as coisas que em geral uma boa esposa diz e faz. E não é por falta de hábito, pois esta peça já está no cartaz há mais de três anos... De vez em quando tento improvisar, sair fora do papel, dizer o que sinto, o que penso *mesmo* de certas situações.⁸³

A personagem não consegue ser feliz no casamento, embora tente “representar seu papel” de esposa carinhosa, o amor pelo marido não emergiu com o tempo, ao contrário, considera-o um homem sem diálogo, casado com a terra, autoritário e conservador. Mesmo quando tenta envolvê-lo numa conversa mais íntima, o efeito é sempre o mesmo, a indiferença, sendo esta não apenas percebida por Sílvia.

Em uma de suas conversas com Floriano, a personagem escreve no diário o comentário do cunhado sobre o irmão Jango e como este tinha um pacto de fidelidade com a terra, com o Angico, mais do que qualquer pessoa ou coisa, amava-a acima de tudo:

Suponhamos que esta terra, esta cidade, esta querência seja uma mulher... Pois bem. O Jango casou-se legitimamente com ela, ama a esposa com um amor arraigado, calmo e seguro de si mesmo. Não tem olhos para outras mulheres, por mais belas que sejam. Seus erros como marido são mais de omissão que de comissão. Se não dá muito à esposa, é porque foi criado na ignorância [...] Não quer que a esposa converse com outros homens nem que fume ou acompanhe a moda. Exige dela o recato das damas de antigamente.⁸⁴

Conforme o pensamento de Floriano, Jango possui um relacionamento de fidelidade à terra, esta sim é sua verdadeira esposa amada, e o retrato pintado por Floriano, Sílvia considerou perfeito, porque, realmente, não se sentia casada com

⁸³ Idem, ibidem, p. 10.

⁸⁴ Idem, ibidem, p. 30.

ele, pois comenta no diário como alguns momentos que deveriam ser prazerosos entre o casal, para ela, são de puro martírio:

Quando estou na cama com meu marido e ele me abraça e acaricia com gestos que dizem claro de sua intenção, sinto algo difícil de descrever: pânico misturado com repugnância... e uma certa vergonha, como se eu fosse uma prostituta e estivesse me submetendo àquilo tudo por dinheiro. É horrível quando Jango cresce sobre mim com a segurança e a naturalidade patronal com que costuma montar seus cavalos. Seus ardores me ferem tato o corpo como o espírito. Meu marido tem um animalismo que deve ser normal e sadio, mas que nem por isso me desagrade menos [...] Não me considero uma mulher frígida, mas não concebo sexo sem amor. Por outro lado, sou suficiente normal para não ficar sempre insensível às carícias de meu marido. E esses desejos provocados mas não satisfeitos me deixam com um sentimento de frustração e angústia que às vezes dura dias e dias.

Não creio que eu satisfaça Jango de maneira completa, pois nesses minutos de contato carnal permaneço numa espécie de estado cataléptico. Ele, porém, nunca se queixou. Jamais discutiu, nem mesmo indiretamente, o assunto. O que ele parece querer mesmo é que na hora em que me deseja eu esteja ao seu lado, submissa. Um cavalo sempre encilhado à porta da casa pronto para qualquer emergência...⁸⁵.

Sem nenhum pudor, ela descreve a falta de compatibilidade emocional com o marido, o fracasso no casamento, o momento que deveria ser prazeroso com o esposo, é pra ela algo “dispensável”, deseja, às vezes, que este não a procure para que não possa se sentir tão “humilhada”. São essas as atitudes em preferir fugir a aceitar qualquer existência de algum problema, que fazem com que a esposa considere-o como um homem:

Sólido e prático incapaz de sonhos e fantasias. Como pode acreditar em feridas da alma quem vive tão preocupado com as bicheiras dos animais do Angico? Se eu lhe contar meus problemas espirituais, temo que receite creolina. Como tudo seria mais fácil na vida (deve refletir ele) se pudéssemos juntar todos os parentes, amigos e dependentes que têm problemas de consciência, e atirá-los como se faz com gado, dentro dum banheiro cheio de carrapaticida.⁸⁶

Conforme a citação, é nítido compreender como Sílvia não consegue lidar com a postura extremamente apática do esposo em relação aos outros, ela se frustra por ele se preocupar mais com os animais e com a terra do Angico, por ser uma pessoa insensível aos sentimentos alheios. No entanto, ao terminar de escrever

⁸⁵ Idem, ibidem, p. 15.

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 11.

as coisas que considera ruins de Jango, ela se arrepende, ou melhor, sente remorso:

Jango é um homem bom e decente. O que acabo de escrever sobre ele é grosseiro e injusto. Resultado dum acesso de mau humor. Estou pensando em rasgar esta página. Mas não rasgo. Um diário não é apenas um escrínio onde a gente guarda as raras joias que a vida nos dá. É também uma lata de lixo onde pejam as cinzas de nosso tédio, o cisco de nossas tristezas, a aguada bile de nossos odiosinhos e birras de cada dia. Temos a tendência de classificar as pessoas como os naturalistas classificam as borboletas, feito o que as espetamos com um alfinete contra um quadro... e pronto!, passam a ser peças do nosso museu particular. Acho que foi isso que Jango fez comigo. Não quero fazer o mesmo com ele.⁸⁷

Sílvia, ao desabar no diário as crises sentimentais que sofre devida ao casamento, remete à ideia de que o diário é, conforme afirma Philippe Lejeune⁸⁸, um confidente, no qual abre espaço para a possibilidade do “eu” se livrar das emoções sem constranger os outros, por causa disso, continua a escrever como sua indecisão, durante o noivado, fez com que ela se casasse com um homem que não amava, pois no dia estava tensa, e, ao ver Floriano, suas mãos ficaram trêmulas e frias:

Houve um instante em que me acolhi num canto da sala de visitas e fiquei olhando fixamente para o retrato de meu padrinho. Nesse momento tio Toríbio entrou, com aquele seu jeitão de boi manso e bom, me olhou bem nos olhos, me acariciou a cabeça, como se seu fosse ainda uma criança, e perguntou: “Tens certeza de que não vais cometer um erro? Pensa bem. Ainda é tempo”. Eu quis dizer alguma coisa, mas não consegui pronunciar a menor palavra.⁸⁹

Como não conseguiu dizer não ao padrinho ao ficar noiva de Jango, Sílvia percebe que o erro já fora tomado, e, na madrugada daquela noite, chora amargamente por tal decisão e pelo tio Toríbio, que fora esfaqueado e cujo corpo estava sendo velado no Sobrado. Foi uma noite de trevas e lágrimas para a personagem, queria desfazer o erro, mas não tinha coragem para tal ato, observava com angústia Floriano, o amor da sua vida, que olhava para ela no canto na sala, mas nada podia fazer, a não ser chorar ao lado de Jango.

⁸⁷ Idem, *ibidem*, p 11-12.

⁸⁸ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita M. Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008, p. 262.

⁸⁹ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 13-14.

Apesar de não afirmar ser o cunhado o real motivo do diário, o sentimento de Sílvia é forte por Floriano. Ela relata que, desde criança, desejava a presença do filho mais velho do Dr. Rodrigo Cambará. Durante a infância, tinha vontade de pedir para ele brincar com ela, juntamente com os outros, mas, conforme crescia, seu ímpeto era gritar: “Fica! Fica comigo!”⁹⁰. Quando a família foi morar no Rio de Janeiro, Sílvia sempre ficava ansiosa para reencontrá-lo:

Eu tinha quatorze anos. F. chegara a Santa Fé, acompanhando a família, que vinha para as férias de verão. Botei o meu melhor vestido, pinteime às escondidas de minha mãe, e me toquei para o Sobrado. Faltou-me coragem para ir diretamente abraçar Floriano. Prefери que ele me encontrasse por acaso. [...] Fui diretamente para o quintal, sentei-me num banco, debaixo duma árvore, e ali fiquei numa pose de retrato, esperando que alguma coisa maravilhosa acontecesse. E aconteceu! F. surgiu a uma das janelas do fundo da casa e ficou me olhando por um tempo. Fingi que não tinha visto, mas observava-o com os rabos dos olhos. Um calor me subiu às faces, me formigou no corpo inteiro. Senti-me meio suspensa no ar. “Meu Deus!”, dizia eu para mim mesma, “meu Deus, não deixe que este momento acabe. Um pouco mais, só um pouco mais!” Acho que foi nessa hora que avalei o quanto amava Floriano. Ah!, mas eu o considerava inatingível. Era um homem de vinte e um e eu, uma menina de catorze.⁹¹

Ao detalhar os sentimentos pelo cunhado reprimidos desde adolescência, é compreendido, por meio do diário, o duplo protagonismo que Souza⁹² discorre no seu texto. Nesse instante, há um “eu” da escrita que se envolve e estabelece um diálogo com o “eu” da memória, intercalando, assim, as confissões de uma mulher adulta com a menina do passado, no entanto ambas possuem e mantêm as mesmas confusões de sentimentos.

Todavia as memórias da infância e da juventude, em relação ao cunhado, não se perderam com o tempo, ao contrário, mesmo casada, sente um entusiasmo diferente quando está ao lado de Floriano Cambará:

Hora inesquecível com Floriano ontem, debaixo dos pessegueiros no quintal. Uma conversa muito calma e amiga. Sentamos no banco, lado a lado. [...] Eu sabia que não íamos ter muito tempo para o nosso diálogo. E era tão bom ter F. ali sentado ao meu lado! Sua presença tem para mim um poder ao mesmo tempo excitante e

⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 36.

⁹¹ Idem, *ibidem*, p. 37.

⁹² SOUZA, Luana Soares de. Do diário da(s) Sílvia(s): entre o ser e o desejar. In: ALVES, José Édil de Lima. *Erico Veríssimo: provinciano e universal*. Canoas: ULBRA, 2006, p. 119-120.

sedativo. Seu sensualismo deve estar escondido a sete chaves, pois o que lhe parece nos olhos é uma ternura muito humana e tímida, como que envergonhada de si mesma.⁹³

Momento como esse de prazer e êxtase ao lado do amado, Sílvia escreve no intuito de registrar o fato no diário, para que não se perca nas suas lembranças, mas também tem o desejo e “o impulso de transformá-lo, tornando-o único”⁹⁴, pois noto que as menções sobre Floriano são descritas pela personagem cheias de ternura e carinho.

No entanto a personagem reconhece que ele sempre “fugiu” dela: “Desde os dias da minha infância, F. foi sempre pra mim o que vai embora”⁹⁵. E justamente por não demonstrar o real sentimento fez com que ela aceitasse a proposta de casamento do irmão, pois teve medo de esperar por uma declaração de amor, que talvez nunca fosse acontecer, Sílvia não vê outro caminho a seguir, a não ser casar com Jango.

É na escrita do texto, com o sujeito sendo reconstituído, por meio das experiências que posso compreender como Sílvia, na tentativa de desabafar toda angústia e solidão de dentro de si, padece com o próprio “eu”, com a alma, com o seu interior.

Contudo não são apenas os fatos pessoais que contribuem para a construção do diário, segundo Lucia Helena⁹⁶, “apesar de muito centrado em problemas de natureza íntima, o diário de Sílvia não deixa de ter um caráter de reportagem”, uma vez que cita, em várias passagens, os fatos sociais que perturbam e afligem os sentimentos seus.

Um deles, por exemplo, são os acontecimentos trágicos na Europa, como a Segunda Guerra Mundial que teve na liderança Adolf Hitler, um austríaco, que conduziu a Alemanha promovendo um genocídio de milhões de judeus, o assassinato de presos políticos de diversos países, ciganos, homossexuais, doentes e deficientes físicos e mentais nos campos de concentração, sendo Auschwitz o mais conhecido.

⁹³ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p 28.

⁹⁴ SOUZA, Luana Soares de. Do diário da(s) Sílvia(s): entre o ser e o desejar. In: ALVES, José Édil de Lima. *Erico Verissimo: provinciano e universal*. Canoas: ULBRA, 2006, p. 119-120.

⁹⁵ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p 36.

⁹⁶ MANNA, Lucia Helena Sgaraglia. *Diários e ficção: as escritas entretecidas de Erico Verissimo*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 135.

No diário, Sílvia menciona fatos da guerra, como o avanço das tropas de Hitler na Europa:

Em abril os exércitos e Hitler tinham invadido e conquistado a Dinamarca e a Noruega. Em maio, a Bélgica, a Holanda e Luxemburgo. Nesse mesmo mês, as divisões blindadas alemãs rompiam as linhas francesas em Sedam. As noites que me ficaram mais intensamente gravadas na memória foram as de 28 de maio a 3 de junho: as das nossa “vigília de Dunquerque”. Escutávamos em silêncio as notícias da catástrofe e seguíamos, com o coração apertado, a narrativa da operação de retirada das tropas inglesas, sob fogo inimigo.⁹⁷

Com a chegada dessas notícias, ela escreve como aquilo afligia e indignava a todos. No diário, anota também a discussão que escutara numa noite juntamente com o esposo Jango, o irmão Zeca e Tio Bicho sobre a fraca defesa da França perante os alemães e como todos temiam que o nazismo pudesse se alastrar além da Europa, pois os relatos divulgados pelo rádio afirmavam que as tropas de Hitler estavam tentando tomar posse da poderosa França: “As notícias continuavam péssimas. Os nazistas estavam senhores de quase toda Europa ocidental. Dentro de poucos dias, poderiam entrar em Paris”⁹⁸.

Outro fator a ser observado, é que, por meio da narrativa literária, é perceptível a inserção do social na escrita. De acordo com Hannah Arendt, “o romance é [...] a única forma de arte inteiramente social [que] constitui suficiente testemunho de uma estreita relação entre o social e o íntimo”⁹⁹, por isso, as aflições de Sílvia, mesmo que referentes aos problemas da guerra, que não a atinge diretamente, são mencionados no texto, porque sofre por aqueles que padecem do mal da guerra.

Semelhantemente a essa concepção de influência do social no literário, recorro a Candido, por afirmar que “os valores sociais atuam concretamente nas artes, principalmente na literatura”¹⁰⁰, e exploro, no diário, fatos da esfera social como as menções políticas sobre a Guerra Civil Espanhola.

⁹⁷ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 21.

⁹⁸ Idem, *ibidem*, p. 22.

⁹⁹ ARENDT, Hannah (1906-1975). *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007, p. 49.

¹⁰⁰ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980, p. 37.

A narradora retoma os fatos políticos da Espanha, por causa do amigo judeu Arão Stein, pois este lutou e defendeu bravamente as ideias propagadas pelos conceitos comunistas. Nessa revolução, havia vários elementos militares e ideológicos que marcaram o século XX; houve pessoas que se posicionaram ao lado das forças do nacionalismo e do fascismo, aliadas às classes e às instituições tradicionais da Espanha (O Exército, a Igreja e o Latifúndio), e o grupo da Frente Popular, que formava o Governo Republicano, representando os sindicatos, os partidos de esquerda e os partidários da democracia.

O lado da direita espanhola era marcado por uma Cruzada que pretendia livrar o país da influência comunista e da franco-maçonaria e restabelecer os valores da Espanha tradicional, autoritária e católica, para tanto, era preciso esmagar a República, que havia sido proclamada em 1931, com a queda da monarquia. Do outro lado, para os esquerdistas, era preciso dar um basta ao avanço do fascismo que já havia conquistado a Itália (em 1922), a Alemanha (em 1933) e a Áustria (em 1934). Segundo as decisões da Internacional Comunista, tomadas em 1935, eles deveriam aproximar-se dos partidos democráticos de classe média e formarem uma Frente Popular para enfrentar a maré de vitórias nazifascistas.

Foi por causa desse pensamento revolucionário que ocorria na Espanha, que Sílvia escreve com detalhes a narrativa impressionante que escutara do amigo Stein. Ele conta como se sentiu ao ver e ouvir pessoalmente *La Pasionária*, num dos primeiros anos de guerra:

Ela tinha vindo especialmente para dirigir a palavras aos legionários da Brigada Internacional. Falou do alto duma colina. Sentados ou reclinados a seus pés, os soldados a escutaram [...] A voz da *Pasionária* primeiro me remexeu as entranhas e fez que eu me sentisse homem como nunca em toda minha vida. Era o privilégio dos privilégios, honra das honras, a beleza das belezas estar ali naquele lugar, naquela hora e com aquela gente. Tínhamos vindo da várias partes do mundo para defender a Espanha republicana e com ela a ideia universal dos direitos do homem. E quando *La Pasionária*, com sua voz inesquecível, declarou que nós éramos a flor da terra, a consciência do mundo; quando agradeceu por estarmos ali como *hermanos*, ajudando o povo espanhol e a causa da liberdade e da justiça social, senti que tinha atingido o momento mais belo, mais glorioso da minha vida. [...] Não tenho vergonha de confessar que chorei. Chorei de alegria, de orgulho, de... de fraternidade. E então

senti que morrer uma vez só por aquele ideal era pouco. Desejei ter cem vidas para entrega-las todas à causa republicana.¹⁰¹

A personagem e o irmão Zeca se comovem com o discurso do judeu, ambos percebem o quanto ele amava o ideal daquele povo, e tio Bicho, o filósofo do grupo, vendo como Arão Stein apresentava extremo orgulho e adoração por servir ao partido comunista e *La Pasionária*, afirma ser Stein cego como um religioso fanático, pois vira, no alto da colina da Espanha, não uma mulher revolucionária, mas, sim, sua “Nossa Senhora”.¹⁰²

Durante os serões que ocorriam aos sábados no Sobrado, Sílvia narra que escutava com muito interesse as aventuras desse “fantasma ruivo”. Ele sempre surpreendia todos quando falava de suas “andanças na Espanha como Legionário da Brigada Internacional [que] ferido gravemente por um estilhaço de granada, e que esteve à morte em um hospital de Barcelona”¹⁰³, e como sofrera ao ser preso no Rio de Janeiro:

Preso pela polícia quando pichava muros e paredes, escrevendo frases antifascistas foi interrogado, espancado e finalmente atirado, com trinta outros presos políticos, num cárcere que normalmente teria lugar, quando muito, para oito pessoas. “Queriam que eu denunciasse meus camaradas”, contou-nos Stein uma noite. Estendeu as mãos tremulas: “Me meteram agulhas debaixo das unhas. Me queimaram o corpo todo com ferros em brasa. Me fizeram outras barbaridades que não posso contar em frente das senhoras. Me atiraram depois, completamente nu, numa cela fria e jogaram água gelada em cima de mim. Mas não me arrancaram nenhuma palavra. Mordi os beiços e não falei”.¹⁰⁴

O relato de Stein é comovente aos ouvintes. Independente da dor que sentira no momento da prisão, o que mais lhe importava era a fidelidade ao partido comunista. Ele demonstrava a honra e o orgulho que tinha em defender aquela bandeira, a tortura não diminuía o prazer da glória que experimentava em não entregar os companheiros. É certo compreender que tal alusão na escrita de Sílvia não é aleatória, porque o condicionamento social, conforme Candido¹⁰⁵, interfere na

¹⁰¹ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 25-26.

¹⁰² Idem, *ibidem*, p. 26.

¹⁰³ Idem, *ibidem*, p. 20.

¹⁰⁴ Idem, *ibidem*, p. 20.

¹⁰⁵ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980, p. 16.

criação artística, por isso, nota-se como os malefícios acontecidos com o judeu são semelhantes ao ocorrido com pessoas reais durante a guerra da Espanha.

Não obstante, há também menções sobre fatos políticos do Brasil na narrativa de Sílvia. No discorrer do texto, ela cita o presidente Getúlio Vargas e qual era o seu conceito sobre este homem e o governo Estado Novo:

Gostava até mesmo de seu físico, que era a negação da estampa clássica do herói. Sentia-me atraída pelo seu sorriso aberto, e por um certo ar de serenidade e limpeza que envolve sua pessoa. É um homem que impõe respeito sem precisar fechar a cara nem levar a mão ao cabo do revólver. Consegue ser um humorista sem jamais correr o risco de se transformar num palhaço, o que não deixa de ser uma proeza. [...] Sempre apreciei as histórias que correm de boca em boca sobre suas picardias políticas. (O dr. Terêncio, que não o suporta, me disse um dia que um presidente da República é eleito e pago para governar e não para ser personagem de anedotas ou para exibir sua maestria como capoeirista na arena política.) Seja como for, eu gostava e gosto do Gegê.¹⁰⁶

O retrato feito por Sílvia nada perde ou diferencia dos realizados e descritos por muitos jornalistas e historiadores sobre o governo de Vargas, e como este demonstrava ter domínio sobre os brasileiros. A personagem afirma esse conceito dominador dele, ao mencionar, no diário, um discurso lido por Tio Bicho, que fora realizado recentemente por Vargas no couraçado de Minas Gerais:

O presidente afirmava que marchávamos para um futuro diferente de tudo quanto conhecíamos em matéria de organização econômica, social ou política, e sentíamos que os velhos sistemas e fórmulas antiquadas entravam em declínio. Um dos trechos desse discurso me assustou de tal maneira, pelo que tinha de extremista e imprevisto, que cheguei a decorá-lo:
Não é, porém, como pretendem os pessimistas e os conservadores empedernidos, o fim da civilização, mas o início tumultuoso e fecundo de uma era nova. Os povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir o rumo de suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruína. É preciso, portanto, compreender a nossa época e remover o entulho das ideias mortas e dos ideais estéreis.¹⁰⁷

Com base nesse discurso fascista do presidente, é que percebo a literatura “como sistema social específico e processo comunicativo”¹⁰⁸, visto que é possível

¹⁰⁶ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 80-81.

¹⁰⁷ Idem, *ibidem*, p. 23.

¹⁰⁸ OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996, p. 21.

entender, durante a narrativa de Sílvia, os ideais projetados pelo presidente para o Brasil, e ver como ele conduzia o país para uma possível união com os nazistas, uma vez que sabia, por meio do padrinho Dr. Rodrigo Cambará, que os generais do exército brasileiro festejavam as vitórias de Wermacht na embaixada alemã e, como Getúlio Vargas já cogitava que os nazistas poderiam vencer a guerra, premeditou desde já se aliar a Adolf Hitler, para não sofrer perseguição alemã.

Entretanto “Gegê” é incoerente no seu discurso, apesar de demonstrar interesse em aliar-se ao partido nazista, ele conspira com outras autoridades, pois, dias depois do enunciado em Minas, os familiares de Dr. Rodrigo recebem, em Santa Fé, uma carta, na qual ele narra que Getúlio mantém relações ao mesmo tempo com a Alemanha e com os Estados Unidos.

A princípio me pareceu que, com esse pronunciamento fascistóide, ele se preparava para atrelar o Brasil ao carro do nazismo. O discurso foi aparentemente uma resposta indireta ao que o presidente Roosevelt havia pronunciado no dia anterior... Comecei a perceber que o nosso homenzinho está apenas marombando, “bombeando” a situação mundial. No momento precisa contentar alguns dos nossos generais, que parecem fascinados pelos feitos militares do exército alemão. Mas não se iludam! O Getúlio também confabula secretamente com os americanos por intermédio do Aranha, que é aliadófilo. Fiquem certos de que, na hora da decisão, nosso presidente fará o que for melhor para o Brasil.¹⁰⁹

O “manobristo político” sagaz do presidente Vargas, ao relacionar-se com as duas grandes potências políticas vigentes na época, era um plano, pois apenas intentava apoiar claramente àquele que primeiro decretasse vitória.

Por meio dos fatos da narrativa é que compreendo como a narradora Sílvia, por estar cercada desses conflitos externos e internos, sente-se frustrada e triste, não sabendo como agir e com quem desabafar, as circunstâncias acabam por levá-la a questionar o atuar de Deus na sua vida, pois, até o momento não conseguira ter um instante de real felicidade, nem o bebê, que tanto desejava, pois perdera seu filho no terceiro mês de gravidez.

Com esses conflitos, a narradora recorre ao irmão Zeca, filho de Toríbio Cambará, padre e amigo da família, que a incentiva a realizar uma reflexão e descobrir que todas as pessoas podem decepcioná-la: o marido, o cunhado Floriano e até mesmo o padrinho, exceto Deus: “Não compreendes ainda que o único pai que

¹⁰⁹ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 24.

jamais te abandonará e jamais te decepcionará é Deus? Pensa nisso”¹¹⁰. Sílvia, então, encerra o diário fazendo uma última análise sobre si:

Entardecer no Angico. Estou parada, sozinha, na frente da casa da estância, olhando para o poente. O sol parece uma laranja temporã, cujo sumo escorre pelas faces da tarde. O ar a guaco queimado. Um silêncio de paina crepuscular envolve todas as coisas. A terra parece anestesiada. Raras estrelas começam a apontar no firmamento, mais adivinhadas que propriamente visíveis. Sinto um langor de corpo e espírito. Decerto é tardinha que me contagia com sua doce febre. Tenho a impressão de estar suspensa no ar... E de que alguma coisa vai acontecer. Cerro os olhos e fico esperando o recado de Deus.¹¹¹

Ao ler o último trecho relatado pela personagem, entendo que os conflitos vividos por Sílvia demonstram como uma mulher pode recorrer à escrita para buscar um consolo à alma, mesmo que nada se altere fisicamente, no decorrer da vida, o diário proporciona ao “eu” um diálogo com outros “eus” que fazem parte do “eu” que escreve e se inscreve ao mesmo tempo no texto, abrindo uma possibilidade de dissecação de si, pois é de conhecimento, conforme explica a escritora Luana Soares de Souza, que: “A escrita do EU é uma recriação individual do mundo. Nela, o sujeito ordena sua vida pela palavra, situando-se no universo. Essa reorganização da existência, quase sempre, é um processo doloroso e catártico, envolvendo diferentes facetas e vozes”¹¹², porém é nele que o indivíduo tenta compreender a si.

É com o próprio “exame de consciência que desenvolve através da escrita do diário, [que] recebe, no final, um prêmio, um ‘recado de Deus’: depois de dois abortos ela finalmente vê firmar-se uma terceira gravidez”¹¹³, o que a enquadra, então, “no papel da mãe, especificamente responsável pelo surgimento de uma nova geração de Cambarás”¹¹⁴, pois é uma mulher forte que, mesmo tomando atitudes físicas como Ana Terra, a sua conduta de mulher fiel ao marido e à família faz dela a sucessora ideal para a nova gênese do Terra-Cambará.

¹¹⁰ Idem, ibidem, p. 54.

¹¹¹ Idem, ibidem, p. 88-89.

¹¹² SOUZA, Luana Soares de. Do diário da(s) Sílvia(s): entre o ser e o desejar. In: ALVES, José Édil de Lima. *Erico Verissimo: provinciano e universal*. Canoas: ULBRA, 2006, p. 133.

¹¹³ MANNA, Lucia Helena Sgaraglia. *Diários e ficção: as escritas entretecidas de Erico Verissimo*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 138.

¹¹⁴ Idem, ibidem, p.138.

CAPÍTULO III

SÍLVIA E ANA TERRA: PERFIS FEMININOS

3.1 SÍLVIA... A FIGURA FEMININA

Ó Mulher! Como é fraca e como és forte!
 Como sabes ser doce e desgraçada!
 Como sabes fingir quando em teu peito
 A tua alma se estorce amargurada!
 Quantas morrem saudosas duma imagem
 Adorada que amaram doidamente!
 Quantas e quantas almas endoidecem
 Enquanto a boca ri alegremente!
 Quanta paixão e amor às vezes têm
 Sem nunca o confessarem a ninguém
 Doces almas de dor e sofrimento!
 Paixão que faria a felicidade
 Dum rei; amor de sonho e de saudade,
 Que se esvai e que foge num lamento!
 Mulher - Florbela Espanca¹¹⁵

Há diversas obras de cunho literário em que a personagem feminina, mesmo sendo retratada por um olhar masculino, possui “todas” as características de um ser feminino; são textos que, escritos por homens, apresentam a mulher de forma idealizada ou que tentam recriá-la partindo do seu ponto de vista. Para validar o relato, o autor propõe ao leitor uma sedução, um pacto de fidelidade, desse modo, quem lê tem a impressão de ser mesmo uma mulher a escrever o texto, pois, conforme o pensamento de Ruth Silviano Brandão, “no registro da escrita, um homem pode ter uma escrita feminina ou engendrar fantasias femininas”¹¹⁶.

Por isso, quando leio *Do diário de Sílvia*, noto o cuidado de Erico Verissimo em evidenciar certas características na personagem: exemplo disso é a análise profunda de sua “alma”, como esta pensa, sente e vive. São esses os cuidados ao descrever Sílvia com os quais aproximamos o texto com a teoria de Candido, quando este declara que: “a personagem [parece] o que há de mais vivo no

¹¹⁵ Livro de Mágoas, *Mulher*, de Florbela Espanca.

¹¹⁶ BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra: a personagem feminina na literatura*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura/Editora da UFMG, 1993, p. 52.

romance; e que a leitura deste dependa basicamente da aceitação de *verdade* da personagem por parte do leitor”¹¹⁷.

Nessa concepção de verdade, é por meio do leitor que se dará a percepção de cada personagem, todavia é o escritor que tenderá a fortalecer os aspectos dessas personagens para uma possível verossimilhança com a realidade. De acordo com Lélia Almeida:

É através da “convencionalização” de determinados elementos que o autor alcança maior ou menor êxito na construção ou “existência” de uma personagem, que passa a ser complexa e múltipla como o que é humano, apesar de seu caráter fragmentário e incompleto. A inteireza e confiança que nos infundem as personagens de ficção e que asseguram a sua semelhança com os seres humanos e, portanto, a nossa identificação com elas enquanto personagem com os demais elementos e das convenções que ele adota.¹¹⁸

É neste processo de inventar a personagem que surge uma indagação, segundo Antonio Candido:

[...] de que maneira o autor manipula a realidade para construir a ficção? A resposta daria uma ideia da medida em que a personagem é um ente *reproduzido* ou um ente *inventado*. Os casos variam muito, e as duas alternativas nunca existem em estado de pureza.¹¹⁹

Contudo isso só ocorre porque há uma encarnação de outras realidades que são inteiradas no enredo pelo autor, para que, assim, cresça a verossimilhança entre o que está sendo criado com a realidade.

Partindo desse pressuposto, as semelhanças dos conflitos femininos descritos por Sílvia são equivalentes às de uma mulher de verdade, mesmo esta sendo um ser fictício, pois, ao descrever, ou melhor, confessar as emoções ocultas em seu diário, retratando nele datas e horas, pessoas e localidades, permitiu, então, compreender um elo entre a intimidade e a reflexão do sentimento e da mente humana.

Diante disso, por meio da narrativa, o “eu” se mostra intensivamente num tom revelador, ele manifesta e revela o seu lado “obscuro”. O motivo? Seria por que Sílvia está cansada da invasão do outro no seu mundo? Seria por causa da

¹¹⁷ CANDIDO, Antonio. *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 54.

¹¹⁸ LÉLIA, Almeida. *A sombra e a chama: as mulheres d'O Tempo e o Vento*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996, p. 112.

¹¹⁹ CANDIDO, Antonio. *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1981, p. 66.

intromissão do social, de maneira implacável, na sua vida? A angústia e a solidão a estão oprimindo? O que será? São essas, dentre outras questões, que fazem desse diário algo diferenciado para se entender o íntimo da narradora.

No entanto os fatos, durante o enredo, não ocorrem por simples e espontânea vontade, ao contrário, há uma pressão interna e externa na personagem que faz com que ela deseje e necessite expor o seu “eu” interior, são mudanças bruscas na sua vida ou na sociedade em que vive que despertam esse desejo de revelar suas emoções – extravasar – por meio da escrita.

Um dos casos que mencionou foram os conflitos mal resolvidos com a mãe, o amor não correspondido por Floriano, a falta de amor pelo marido, a sensação de infelicidade, os abortos, as angústias que os tumultos na cidade de Santa Fé, onde moram os parentes e amigos, lhe causam, as tribulações ocasionadas pela guerra na Europa e a crise política nacional.

É pela narrativa de Sílvia que acredito encontrar um olhar cauteloso de Verissimo em relação ao ser humano, pelo qual ele tenta mostrar o que pode afligir o homem, como este reage à tristeza e à decepção que o atingem e quais as sequelas disso na vida de alguém.

Entretanto é notória a escolha do autor em elaborar uma protagonista feminina para esse enredo. *O tempo e o vento* tem como característica um “olhar” masculino, os personagens destacados, em sua maioria, são os homens que lutam e morrem pela terra. Dentre as narrativas compostas nesse clássico, são poucas as mulheres da história que receberam uma atenção especial, porém Sílvia se destaca dentre elas não apenas por ser uma personagem feminina que tem a “vida” narrada, mas por ela ser a narradora dessa história e ter uma visão diferenciada dos demais protagonistas, pois não é uma Terra-Cambará, e sim uma esposa de um dos descendentes de Ana Terra e do Capitão Rodrigo.

Conforme a análise da obra, *Do diário de Sílvia*, na qual a personagem faz relatos íntimos da sua vida, como a renúncia do amor pelo cunhado, e, mesmo não desejando o esposo Jango, anseia ficar grávida, pois acredita que, com o nascimento do filho, conseguirá ter um casamento feliz e completo, fazendo com que seja benéfico abdicar de tudo em nome do dever, da obediência do marido, mesmo que sem amor, por isso, noto que essa é a última mulher da trilogia digna de receber a missão de continuar com os descendentes dos Terra-Cambará.

3.2 ANA TERRA E SÍLVIA: ANÁLOGAS OU OPOSTAS?

Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas:
 Geram pros seus maridos,
 Os novos filhos de Atenas.
 Elas não têm gosto ou vontade,
 Nem defeito, nem qualidade;
 Têm medo apenas.
 Não tem sonhos, só tem presságios.
 O seu homem, mares, naufrágios...
 Lindas sirenas, morenas.
 Mirem-se no exemplo
 Daquelas mulheres de Atenas
 Mulheres de Atenas – Chico Buarque¹²⁰

A construção da identidade feminina na trilogia, de Erico Verissimo, está presente em toda a narrativa. São as mulheres como Ana Terra, Bibiana, Flora, Maria Valéria e Sílvia que sustentarão e levarão adiante o nome da família, mesmo não tendo uma voz forte como a dos homens, pois são os discursos destes que “dominam” o enredo. Elas conseguem transmitir sua força, uma vez que:

As duas vozes, a masculina e a feminina, têm formas distintas de expressão de acordo com o grau de consciência de cada um. O uso das armas, associadas à palavra, marca a presença masculina, quando a arma se esgota, as armas decidem. Para as mulheres a palavra assume dupla função: de luta e de conscientização; porém quando a palavra se esgota, o silêncio impõe-se como forma de discurso no qual a leitura não se realiza na palavra, mas na sua ausência, como ocorre com Ana Terra, Maria Valéria e Flora.

A voz masculina é um eco distorcido do poder político, reflete a concordância com a situação vigente, não apresenta reflexão e muito menos uma capacidade de luta para mudar seu estado de submissão. O homem assume o discurso do poder e transforma em heroísmo todos os atos que lhe são postos. A sociedade produz um assujeitamento do homem que, além de subordiná-lo a um discurso corrente, descaracteriza-o como indivíduo e submete-o a um processo de interpelação que não reconhece as suas características pessoais.

A voz feminina é um alerta contra esse estado de cegueira em que vive a sociedade. Talvez pelo próprio fato das mulheres serem detentoras de consciência, suas palavras são esvaziadas pelo poder

¹²⁰ Álbum *Meus caros amigos*, 1976.

e levadas a assumirem um discurso de renúncia ao domínio do próprio destino.¹²¹

Como percebo nesse texto acima, as duas vozes são diferentes. Para os homens, a voz é símbolo de força física, que mostra a masculinidade e o autoritarismo, diferente para as mulheres, a voz é símbolo de força psicológica, é por meio dela que conseguem exercer o “domínio” dos filhos, da casa e dos maridos.

Dessa forma, noto também que a força efetiva da mulher pode estar no fato de ela saber lidar com a sua realidade, com a situação em que se encontra e como é vista pela sociedade em que vive. São essas circunstâncias que vão determinar a atitude de cada uma durante o desenrolar dos fatos no romance.

Partindo desse conhecimento, proponho realizar uma análise comparativa de duas personagens da trilogia: Ana Terra e Sílvia – a primeira e a última figura feminina da trilogia – para que, assim, possa mostrar como ambas, diferentes ou semelhantes, utilizaram de suas forças para “sobreviverem” num mundo masculino.

Dentre as personagens da obra *O tempo e o vento* de Erico Verissimo, com certeza, Ana Terra é a principal. É a partir de Ana que a Saga da família Terra será erguida, ela é o ponto de partida de toda a história que envolverá a família, que, posteriormente, se funde em Terra-Cambará. A história desta personagem se desenrola entre os anos de 1777 a 1811, na primeira parte do tomo *O Continente*. Ana era a única mulher dentre os três filhos de Maneco Terra e D. Henriqueta.

“Sempre que me acontece alguma coisa importante, está vetando” – costumava dizer Ana Terra. Mas entre todos os dias ventosos de sua vida, um havia que lhe ficara para sempre na memória, pois o que sucedera nele tivera a força de mudar-lhe a sorte por completo. Mas em que dia da semana tinha aquilo acontecido? Em que mês? Em que ano? Bom, devia ter sido em 1777: ela se lembrava bem porque esse fora o ano da expulsão dos castelhanos do território do Continente. Mas na estância onde Ana vivia com os pais e os dois irmãos, ninguém sabia ler, e mesmo naquele fim de mundo não existia calendário nem relógio.¹²²

Já Sílvia aparece no último tomo *O Arquipélago*, como vizinha dos donos do Sobrado. Ela entra para família ao se casar com Jango, um dos filhos do Dr. Rodrigo Cambará. Embora não tenha uma posição tão marcante no enredo como Ana, será a ela que caberá a função de continuar com a linhagem dos Terra-Cambará.

¹²¹ RODRIGUES, Odiombar. Eta mundo velho sem porteira. In: ALVES, José Édil de Lima. *Erico Verissimo: provinciano e universal*. Canoas: ULBRA, 2006, p. 254.

¹²² VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento. O Continente I*. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 73.

Meus queridos amigos e conterrâneos! Este é o movimento mais feliz da minha vida. [...] Tenho o prazer e a honra de comunicar aos presentes o contrato de casamento de meu filho João Antônio com a minha afilhada Sílvia... – E, já com lágrimas nos olhos, acrescentou: - ... que também é cria do Sobrado...¹²³

Apesar de estarem em períodos diferentes e distantes uma da outra, é possível perceber algumas características semelhantes em ambas as personagens. Um fator que chama a atenção, logo num primeiro momento, é a idade: as duas têm vinte e cinco anos, ou seja, são duas jovens que cedo terão de tomar decisões cruciais para suas vidas.

Outra característica que ressaltado é o relacionamento e a situação entre elas, a família e o local em que viviam, pois foram fatores cruciais que influenciaram na tomada de decisões na vida delas. Início com Ana Terra:

Ana Terra descia a coxilha no alto da qual ficava o rancho da estância. E dirigia-se para a sanga, equilibrando sobre a cabeça uma cesta cheia de roupa suja, e pensando no que a mãe sempre lhe dizia: “Quem carrega peso na cabeça fica papudo.” Ela não queria ficar papuda. Tinha vinte e cinco anos e ainda esperava casar. Não que sentisse falta de homem, mas acontecia que casando poderia ao menos ter alguma esperança de sair daquele cafundó, ir morar no Rio Pardo, em Viamão ou até mesmo voltar para capitania de São Paulo, onde nascera. Ali na estância a vida era triste e dura. Moravam num rancho de paredes de taquaraçu e barro, coberto de palha e com chão de terra batida.¹²⁴

O lugar triste em que Ana morava deixava-a sem perspectiva de vida. Para ela, a única solução seria arrumar um casamento para poder fugir da cruel realidade, de continuar a viver como uma “escrava” dos homens da família.

Não diferente, a personagem Sílvia também sofria com o ambiente familiar. No diário, ela descreve sua casa e como sentia angústia de morar lá com sua mãe Elisa:

[...] lembro-me especialmente dos dias de chuva, em que eu andava dum lado para o outro, com bacias e panelas na mão para aparar a água das goteiras. Nesses dias úmidos e cinzentos, eu ficava encolhida num canto, como um rato assustado olhando para minha mãe, querendo pedir licença para ir ao Sobrado brincar com Alicinha, mas temendo a resposta negativa. O som da chuva o ruído da máquina de costura, o cheiro de bolor da casa, os olhos da minha

¹²³ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento. O Arquipélago III*. 17. ed. São Paulo: Globo, 1995, p. 831-832.

¹²⁴ Idem. *O tempo e o vento. O Continente I*. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 73.

mãe... Que tardes inesquecíveis. Às vezes eu ia para janela, encostava a cara na vidraça fria e ficava olhando o rio vermelho e encapelado que corria na sarjeta. Soltava nele meus navios de papel imaginário, pensando nos “meninos do Sobrado”, e sentindo aos poucos o frio gelar meus ossos.¹²⁵

Desse modo, tanto Sílvia como Ana sentiam-se “encurraladas” em suas casas, a vida era difícil e a convivência com os familiares nada facilitava o dia a dia. É por influência desse convívio familiar que as duas tomam atitudes radicais em relação ao aspecto amoroso.

No caso de Ana Terra, o ambiente influenciou na tomada da escolha pelo homem e pai de seu filho. Como morava num lugar sem vizinhos, apenas com a família, ela é levada a se envolver com o Índio Missioneiro, um homem que ela encontrou todo ferido:

De súbito ali ao pé do poço Ana Terra teve a impressão de que não estava só. A mão que batia a roupa numa laje parou. Em compensação o coração começou a bater-lhe com mais força... Esquisito. [...] Com o coração a pulsar-lhe surdamente no peito, ela esperava... Quando caiu em si estava olhando para um homem estendido junto da sanga, a umas cinco braças de onde se encontrava.

Ana Terra apanhou uma pedra com ambas as mãos. Se ele avançar em mim – pensou – atiro-lhe a pedra na cabeça. [...] Foi-se erguendo devagarinho, sem tirar os olhos do corpo, que continuava imóvel, caído de borco, os braços abertos em cruz, a mão esquerda mergulhada na sanga. Ana Terra recuou um passo, dois, três... O desconhecido não fez o menor movimento. Tinha torso nu, manchado de sangue, e seu chiripa estava todo rasgado. Seus cabelos eram pretos e longos e sua face se achava quase completamente escondida atrás duma macega.¹²⁶

Ao ver o índio, então, chama os irmãos e o pai para o local em que se encontrava Pedro. Num primeiro momento, ela teve receio e medo da presença deste homem, todavia com o convívio, com o estrangeiro, seus sentimentos mudaram, não gostava dele, tinha certa repugnância de sua presença, chegando a ponto de fazer-lhe até mal como:

Quando o via, sentia uma coisa que não podia explicar: um mal-estar sem nome, mistura de acanhamento, nojo e fascinação. Chegou a conclusão de que odiava aquele homem, que sua presença lhe era tão desagradável como a de uma cobra. Desde aquele momento passou a ter desejo esquisito de judiar dele, fazer-lhe mal todo mal

¹²⁵ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 46.

¹²⁶ Idem. *O tempo e o vento. O Continente I*. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 77.

possível. Um dia botou-lhe cinza fria na comida. Noutra, sem que ele visse, atirou um punhado de sal n pote em que ele ia beber leite.¹²⁷

No entanto, o que ela não notava era de que estava atraída, sexualmente, por Pedro Missioneiro. Mesmo não transmitindo um sentimento ao índio, Ana se entrega aos prazeres amorosos com ele:

Ana então sentiu, mais que viu, que era Pedro. Quis gritar mas não gritou. Pensou em erguer-se mas não se ergueu. O sangue pulsava-lhe com mais força na cabeça. O peito arfava-lhe com mais ímpeto, mas a paralisia dos membros continuava. Tornou a fechar os olhos. E ouviu Pedro caminhar, aproximar-se num ruído de ramos quebrados, passos na água, seixos que se chocam. Apertava os lábios já agora com medo de gritar. Pedro estava tão perto, que ela sentiu sua presença na forma dum cheiro e dum bafo quente. Sentiu quando o corpo do índio desceu sobre dela, soltou um gemido quando a mão dele lhe pousou num dos seios, e teve um arrepio quando essa mão lhe escorregou pelo ventre, entrou-lhe por debaixo da saia e subiu-lhe pelas coxas como uma grande aranha caranguejeira [...] Ficava com ele por alguns instantes, com o coração a bater descompassado. Falavam muito pouco e o que diziam nada tinha a ver com o que faziam e sentiam. Eram momentos rápidos, excitantes e cheios de sustos. E no dia em que pela primeira vez ela sentiu em toda plenitude o prazer do amor, foi como se um terremoto tivesse sacudido o mundo.¹²⁸

Com o passar do tempo e os encontros com o índio, Ana Terra percebe a paixão que sente por ele e se vê num grande conflito, pois sente que está grávida de Pedro. Sabendo que o pai não aceitaria tal situação, tenta convencer Pedro em ir embora e eles se encontrarem em outro lugar: “Pedro, vamos embora daqui! [...] Pedro sacudiu a cabeça. – Demasiado tarde – respondeu [...] *vi quando dois hombres enterraram mi cuerpo cerca dum árbol. Demasiado tarde.*”¹²⁹.

Após Ana Terra se certificar do assassinato de Pedro, por seus irmãos, a mando de seu pai, é possível notar que a trajetória dessa figura feminina poderá ter elementos e ideologia dominantes de uma sociedade patriarcal, em que “as mulheres eram submetidas à conformidade de sua sina (servir e procriar), não cabendo qualquer espécie de questionamento ou rebeldia”¹³⁰. Ana Terra teve que suportar calada os assassinos de Pedro e viver com a indiferença do pai.

¹²⁷ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento. O Continente I*. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 86.

¹²⁸ Idem, *ibidem*, p. 102-103.

¹²⁹ Idem, *ibidem*, p. 104-105.

¹³⁰ BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figura feminina em *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo. *Revista Trías* (Revista eletrônica *online* de filosofia, História, Literatura e Ciências Sociais). Ano III, n.º

Em relação à personagem Sílvia Cambará, vejo que o amor também não foi fácil e, de certa forma, é algo não consumado, mesmo completando o seu quarto ano de casamento, porque era apaixonada por Floriano desde adolescência, e esperou por uma iniciativa dele até o momento do noivado com Jango. Mas, como Floriano simplesmente some no meio da multidão e deixa-a sozinha com o Padrinho e seu noivo, Sílvia, embora cheia de dúvidas e com medo de ficar só, aceita e contrata o casamento. Porém, mesmo com o passar do tempo, ela não esquece o amor que sente pelo cunhado e narra o seguinte fato no diário:

Floriano escreveu a Jango dizendo que virá fazer-nos uma rápida visita em fim deste mês, antes de partir para os Estados Unidos. A ideia de que ele vai encontrar-se com sua americana desperta em mim um leve e tolo ciúme, do qual me envergonho. Afinal de contas, Floriano é um homem livre. Faço o possível para esquecer certas coisas, mas é inútil.¹³¹

Dessa forma, compreendo que Sílvia, por não se entregar e lutar pela paixão que tinha por Floriano desde a infância, sofre por algo não finalizado, na verdade, por algo simplesmente não vivido. Não foi capaz de enfrentar o padrinho Rodrigo, nem a Dinda e nem mesmo o seu desejo, preferiu ceder e aceitar um homem que não gostava e, por causa disso, teve que viver com um homem insensível aos seus sentimentos. Fato este comum entre as personagens, conviver com a indiferença do homem da casa, com o machismo, ter que suportar tudo calada por ser mulher.

A submissão ao homem será demasiadamente marcada na vida de ambas as protagonistas, apesar de submissas a “autoridades” diferentes, no caso de Ana, ao pai, e Sílvia, ao marido, elas tiveram que enfrentar situações angustiantes em relação a eles para poder continuar a viver e lutar pelos seus propósitos e é justamente nesse momento que aparecerá a força dessas mulheres.

Ana Terra suportou firmemente o desprezo do pai Maneco. Este não lhe dirigia mais a palavra, ignorava sua presença e rejeitou o neto desde o dia em que Pedrinho nasceu:

Findava mais um ano e os pêssegos do pomar já estavam quase maduros quando Ana começou a sentir as primeiras dores de parto. Foi num anoitecer de ar transparente e céu limpo. Ao ouvirem s

5, julho a dezembro de 2012. (ISSN 2179-0904). Disponível em: <<http://www.revistatrias.pro.br/artigos/ed-5/Analise-da-Figuracao-Feminina-em-O-Tempo-e-o-Vento-de-Erico-Verissimo.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2012, p. 4.

¹³¹ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 17.

gemidos da rapariga, os três homens encilharam os cavalos, montaram e se foram, sem dizer para onde. D. Henriqueta viu-os partir e não perguntou nada.

Naquela noite nasceu filho de Ana Terra. A avó cortou-lhe o cordão umbilical com a velha tesoura de podar. E o sol já estava alto quando os homens voltaram, apearam e vieram tomar mate. Ouviram choro de criança na cabana, mas não perguntaram nada nem foram olhar o recém-nascido.¹³²

Nem mesmo o choro da criança comoveu o pai e os irmãos Horácio e Antônio. Ana continuava invisível para os homens da casa, e as coisas não mudaram muito após a morte da mãe:

E havia períodos em que Ana perdia a conta dos dias. Mas entre as cenas que nunca mais lhe saíram da memória estavam as da tarde em que D. Henriqueta fora para cama com uma dor aguda no lado direito, ficara se retorcendo durante horas, vomitando tudo que engolia, gemendo e suando frio. E quando Antônio terminou de encilhar o cavalo para ir até o Rio Pardo buscar recursos, já era tarde demais. A mão estava morta. Era inverno e ventava. Naquela noite ficaram velando o cadáver de D. Henriqueta.¹³³

Com o falecimento de D. Henriqueta, Ana Terra passou ser a mulher da casa, mesmo Antônio se casando com Eulália, era ela que tomava conta dos afazeres domésticos. Anos depois, ainda padecendo com o desprezo do pai, a personagem observa que ele começa a sentir carinho pelo neto, e que sua felicidade com nova a plantação trouxera uma alegria na vida:

Nos dias que se seguiram foram aparecendo as folhas. E os talos cresceram. Pedrinho seguia de perto o desenvolvimento das plantas e todos os dias à hora contava o que havia observado. Uma tarde, ao voltar da sanga, Ana viu Maneco Terra e o neto conversando animadamente na frente de casa, como dois bons amigos. Falavam do trigo. Ela sorriu e entrou em casa de olhos baixos.¹³⁴

Conforme ia crescendo a colheita do trigo e com a boa colheita que tiveram, a família de Ana encaminhava para um tempo de prosperidade. No entanto começaram a chegar notícias de um bando de castelhanos que invadiam estâncias, roubavam tudo, matavam gente e violentavam mulheres. Maneco escuta tudo com atenção, mas sabia que nada podia fazer a não ser esperar:

¹³² VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento. O Continente I*. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 111.

¹³³ Idem, *ibidem*, p. 114.

¹³⁴ Idem, *ibidem*, p. 117.

Certa manhã, estando Ana e Eulália a fazer pão, ouviram vozes excitadas no galpão e Antônio entrou correndo na cabana seguido de Maneco e dum escravo [...].

Corram pro mato! – Ordenou Maneco à filha e à nora. – E levem as crianças. Ligeiro! Ana ergueu nos braços a filha de Antônio, tomou a mão de Pedro e, fazendo um sinal para cunhada, gritou: - Vamos! [...] Ao verem Ana entrar, interromperam a conversa, e foi com irritação nervosa que o velho perguntou:

- Por que não foi pro mato? Ana não respondeu.

- Corra, Ana! – exclamou Antônio, agarrando o braço da irmã e tentando arrastá-la para fora. Mas ela resistiu, desvencilhou-se dele e disse:

- Se eu me escondo eles nos procuram no mato, porque logo vão ver pelas roupas do baú que tem mulher em casa. Se eu fico, eles pensam que sou a única e assim Eulália e as crianças se salvam.¹³⁵

Ana não encontrou outra solução para tentar salvar a vida do filho, da sobrinha e da cunhada, sabia que os castelhanos iriam procurar por todos, no mato, para assassinar quem fosse encontrado, por isso, renuncia a sua própria vida.

Ouviu-se um estampido lá fora. E em seguida Maneco disparou o mosquete. Pelo vão da porta o escravo atirou também. Ana rojou-se ao chão, de todo o comprimento, colou-se à terra, enquanto outros estrondos fendiam o ar e as balas esburacavam as paredes do rancho. De olhos fechados Ana ouvia os gritos e os tiros, sentia cair-lhe poeira sobre o corpo, enterrava com desespero as unhas no chão [...] De repente ela viu, mais com os ouvidos que com os olhos, que a parede da frente vinha abaixo. [...] A gritaria continuava. Mãos fortes agarravam Ana Terra no ar, e puseram-na de pé. A mulher abriu os olhos: cresceram para ela faces tostadas, barbudas, lavadas em suor.

- Mira que guapa!

Um dos homens apertou-lhe os seios. E depois Ana viu uma cara de beiços carnudos, com dentes grandes e amarelados – e esses beiços, que cheiravam a cachaça e sarro de cigarro, se colaram brutalmente aos seus num beijo que quase foi uma mordida. [...] Ana sentiu que lhe erguiam o vestido. Abriu a boca e preparou-se para morder a primeira cara que se aproximasse da sua. Um homem caiu sobre ela. Num relâmpago Ana pensou em Pedro, um rechinar de cigarra atravessou-lhe a mente e entrou-lhe, agudo e sólido, pelas entranhas. Ela soltou um grito, fez um esforço para se erguer mas não conseguiu. O homem refolgava, o suor de seu rosto pingava no de Ana, que lhe cuspiam nas faces, procurando o mesmo tempo mordê-lo. (Por que Deus não me mata?) Veio outro homem. E outro. E outro. Ana já não resistia mais. Tinha a impressão de que lhe metiam adagas no ventre. Por fim perdeu os sentidos.¹³⁶

¹³⁵ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento. O Continente I*. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 120.

¹³⁶ Idem, *ibidem*, p. 121-122.

Ana, ao voltar a si e notar o que havia ocorrido, entrou num súbito choque, pois viu os cadáveres do pai, do irmão e escravos, o rancho tinha sido totalmente saqueado, os bandidos levaram todo alimento, gado e o trigo. Num desespero, ela sai à procura de Pedro e grita desesperadamente pelo menino e, ao encontrá-lo, abraça-o. Ana, Pedrinho e a cunhada Eulália tiveram a difícil tarefa de enterrar seus mortos. Após arrumarem o que sobrara na casa, elas resolvem partir com um grupo de homens e mulheres que diziam ir a um lugar para fundar um povoado.

Em relação à personagem Sílvia, a submissão e a força serão marcadas no casamento. Ao ter que conviver com um esposo extremamente autoritário e prático, ela sabe que precisa aceitar o jeito dele para suportar sua presença:

Há horas em que Jango está eufórico e outras – mais frequentes – em que fica tomado dos seus “burros”, como diz a Dinda. “O gênio do finado Licurgo”, explica a velha. As coisas do Angico o preocupam de maneira obsessiva. Trabalha sem cessar de sol a sol. Suas mãos são ásperas e cheias de calos. Sua pele está cada vez mais curtida pelo sol e pelo vento. Gosta de mandar. E, como acontece com a maioria dos patrões, acha que ninguém sabe fazer nada, que os peões são “uns índios vadios”. É por isso que às vezes quer fazer tudo pessoalmente.¹³⁷

Certo dia, Sílvia resolve narrar a grosseria do marido no diário. Devido às invasões de Hitler na Europa, muitos alemães que habitavam Santa Fé foram maltratados, tiveram casas destruídas e o comércio invadido:

Jango aprovou todos esses atos de violência. Justificou-se: “Eles puseram a pique nossos navios, mataram patrícios nossos”. Não me contive e repliquei: “Eles quem? Os Kunz? Os Schnitzler? Os Spielvogel?”. Jango, excitado pelo “cheiro de pólvora” que andava no ar, perdeu a paciência: “Tu não entendes nada dessas coisas. Cala a boca”. Ficou ainda mais irritado quando desatei a rir (um riso forçado de atriz amadora) e lhe disse: “Tu me mandas calar a boca ditatorialmente e no entanto detestas Hitler porque ele é um ditador”.¹³⁸

Sílvia, apesar de questionar a posição do esposo diante os fatos de violência que ocorriam na cidade, não consegue evitar como a pressão e o autoritarismo do marido a afligem, pois teve que fingir achar graça quando o marido mandava-lhe calar a boca na frente dos amigos. Contudo não era a única vez que este maltratava-a com as palavras. Ao escutar murmúrios contra o padrinho Rodrigo, de

¹³⁷ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 16.

¹³⁸ Idem, *ibidem*, p. 60-61.

como este se apresentava diferente, era quase uma caricatura de um homem de negócios, mas sem valor moral:

Uma noite procurei discutir o assunto com Jango, mas o meu marido me arrasou com poucas palavras: “Vamos cuidar da nossa vida, o que já não é pouco”. E a nossa vida não ia lá muito bem. Piorou consideravelmente em 1940, quando perdi a criança no terceiro mês de gravidez. Acho que Jango nunca ficou completamente convencido de que eu não tive nenhuma culpa desse insucesso.¹³⁹

No entanto não é só a “ignorância” de Jango que a incomoda. Na alcova, não consegue coabitar com o esposo de maneira agradável, como uma mulher anseia, ele não a satisfaz sexualmente. Sílvia concebe o sexo por obrigação e, nesse momento, é que noto a força desta mulher: “Certas noites, na estância, chego a desejar que ele volte tão cansado das lidas do dia que ao deitar durma imediatamente e me deixe em paz”, ela continua:

Quando estou na cama com meu marido e ele me abraça e acaricia com gestos que dizem claro de sua intenção, sinto algo difícil de descrever: pânico misturado com repugnância... e uma certa vergonha, como se eu fosse uma prostituta e estivesse me submetendo àquilo tudo por dinheiro. É horrível quando Jango cresce sobre mim com a segurança e a naturalidade patronal com que costuma montar seus cavalos. Seus ardores me ferem tato o corpo como o espírito. Quando estou na cama com meu marido e ele me abraça e acaricia com gestos que dizem claro de sua intenção, sinto algo difícil de descrever: pânico misturado com repugnância... e uma certa vergonha, como se eu fosse uma prostituta e estivesse me submetendo àquilo tudo por dinheiro. É horrível quando Jango cresce sobre mim com a segurança e a naturalidade patronal com que costuma montar seus cavalos. Seus ardores me ferem tato o corpo como o espírito.¹⁴⁰

Como visto, a narradora do diário deixa claro que não sente prazer com o marido, para ela, são momentos de dor, angústia, sensação de violação, no entanto sua insatisfação não lhe permite trair o marido com seu cunhado. No dia em que Floriano estava visitando o Sobrado, para ver o pai Dr. Rodrigo, ele se depara com Sílvia na frente de seu quarto:

Vou visitar o Velho – decidi. Deu nó na gravata, enfiou o casaco e aproximou-se da porta. Abriu-a no momento exato em que Sílvia saía do quarto contíguo. Ao vê-lo ela teve um movimento de hesitação, como que surpreendida e alarmada ante uma presença inimiga. O

¹³⁹ VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 86.

¹⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 15.

coração de Floriano rompeu a pulsar com uma força desesperada [...] Um desejo violento incendiou-lhe as entranhas, aboliu-lhe a capacidade de raciocinar... Precipitou-se para Sílvia, tomou-a nos braços, estreitou-a contra o peito e pôs-se a beijar-lhe furiosamente a face, os cabelos... No primeiro momento ela se entregou, desfalecida, soltando um gemido. Os lábios dele buscavam os dela, negava-lhe a boca: “Não, não... pelo amor de Deus!” De súbito retesou o corpo, empurrou Floriano com força, desvencilhou-se do abraço, entrou no seu quarto e fechou a porta a chave.¹⁴¹

A personagem, mesmo não satisfeita com Jango, consegue resistir à maior tentação da sua vida, ficar com Floriano. Apesar de, num primeiro momento, consentir o toque do cunhado, ela o afasta de si e foge, dessa forma, prova ser fiel ao marido independente das circunstâncias, o que levará a entender por que será merecedora de continuar a linhagem dos Terra-Cambará:

Floriano estava a olhar fixamente para uma lesma que se arrastava sobre a beirada de tijolos dum canteiro para trás uma esteira viscosa – quando Sílvia apareceu à porta da cozinha [...] Sentaram-se lado a lado em silêncio [...]

– Não vejo razão – disse [Sílvia] sorrindo – para a gente não conversar com toda a franqueza sobre o que aconteceu ontem [...] Ele sacudiu a cabeça afirmativamente, não ousando encará-la.

- Sílvia, não vou procurar me justificar. Só quero que me perdoes... e esqueças, se possível...

- Mas não! – exclamou ela, alçando o olhar. – Foi bom que tivesse acontecido [...] Teu gesto esclareceu muitas coisas. Tive a certeza de que me queres, e de que eu também de quero. Por outro lado acho que chegamos os dois à conclusão de que o nosso caso não tem remédio. Fiquei mais que nunca convencida de que jamais serei capaz de atrair o Jango. Respeito o meu marido mais do que imaginava. Compreendi também que, se eu o enganasse, estaria me enganando a mim mesma. E a ti também Floriano.¹⁴²

Depois de conversar com Floriano dizendo que não estava incomodada com a atitude dele, e explicar que não era tão infeliz como antes, ou pelo menos tem seus momentos de “dúvidas”, ela lhe entrega os dois diários íntimos que escrevera, para que ele leia e veja como é “realmente” Sílvia. No entanto colocou-lhe duas imposições: que ninguém mais deveria ler o que está escrito no diário e que não fizesse nenhum comentário após a leitura. Ele aceita, lê e percebe que a vida de Sílvia com o esposo irá mudar.

Há, na trilogia, um lugar de autoridade que o homem não atinge em relação à mulher. E é neste domínio iniciado por Ana Terra que Sílvia irá buscar “refúgio” e

¹⁴¹ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento. O Arquipélago III*. 17. ed. São Paulo: Globo, 1995, p. 955.

¹⁴² Idem, *ibidem*, p. 959.

“salvação” e nele é que ela encontrará mudança para o seu casamento. De acordo com Lélia Almeida:

[...] a fortaleza e superioridade moral das mulheres está legitimada pela sua função “natural”: a maternidade. Tanto no aspecto de que são elas que cuidam e reerguem o mundo dos homens quanto no de ser fecundadas e gerar, a gestação é vista como caminho de promessas para um futuro e para a possibilidade de esperança.¹⁴³

Por esse viés, entendo que o “ser mãe” possibilita um lugar de superioridade da mulher ante os homens, e é neste aspecto que Ana e Sílvia irão demonstrar toda a sua força. Será este o local seguro “o território feminino por excelência”¹⁴⁴ das mulheres de *O tempo e o vento*. Ao ter a casa e a família destruída, Ana enxerga apenas um destino: cuidar do filho Pedro Terra. Para isso, ela abdicará de ter um esposo, dedicar-se-á, exclusivamente, à maternidade, uma vez que cuidou sozinha do filho, num lugar onde não conhecia ninguém, construiu sua casa e lá viveu para vê-lo pelejar numa guerra:

No princípio dum novo verão chegou um mensageiro com a notícia e que o Cel. Ricardo tinha sido morto num combate e que os filhos estariam de volta a Santa Fé dentro de três meses, com os soldados que tinham “sobrado” da guerra. Na estância de Santa Fé houve choro durante três dias e três noites. As mulheres nos ranchos estavam ansiosas, queriam saber quantos haviam sobrevivido dos quarenta e tantos que tinham partido, fazia mais dum ano [...] Ana Terra não pôde conter as lágrimas quando viu o filho. Quase não reconheceu. Pedro tinha envelhecido muitos anos naqueles meses. Estava magro, abatido e deixara crescer a barba, e quando ele desceu do cavalo e caminhou para mãe, esta teve a impressão de que ia abraçar o próprio Maneco Terra¹⁴⁵.

Viveu para ver o filho casar e ter filhos:

Em princípio de 1804 Chico Amaral fundou uma charqueada e comprou mais um lote de escravos. Nesse mesmo ano, numa noite morna de março, nasce o primeiro filho de Pedro e Arminda Terra. Era um menino e deram-lhe o nome de Juvenal. Quando Ana Terra tomou da tesoura para cortar-lhe o cordão umbilical, suas mãos tremiam.

E naqueles dias, quando Pedro saía para o mato a buscar madeira para a casa que estava construindo no terreno que lhe coubera, e

¹⁴³ LÉLIA, Almeida. *A sombra e a chama: as mulheres d'O Tempo e o Vento*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996, p. 26.

¹⁴⁴ Idem, ibidem, p. 63.

¹⁴⁵ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento. O Continente I*. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 144-145.

Arminda ia lavar roupa do arroio – Ana Terra ficava em casa fiando e cuidando do neto. Quando Juvenal chorava, ela pedalava mais de mansinho e cantava-lhe velhas cantigas que aprendera com a mãe, as mesmas que cantara um dia para Pedrinho.

Achava que tudo agora estava bem. O filho era um homem bom direito e tinha casado com uma mulher séria e trabalhadora. [...] No inverno de 1806 Ana ajudou a trazer para o mundo o seu segundo neto, uma menina que recebeu o nome de Bibiana.¹⁴⁶

Até sua morte, Ana viveu para cuidar do filho, da sua geração, por isso, pode ser considerada como “a mulher-terra, representante da fecundidade, da fixação das raízes; a mulher estabilizadora que é civilizada e moral”¹⁴⁷, porque é com ela que as gerações de mulheres Terra-Cambará terão como precursora.

Diante desse pressuposto, temos então uma “última” mulher – Sílvia –, na trilogia, que irá procurar viver esse aspecto de domínio e busca de felicidade, expondo que não é aleatório que “misticamente a terra pertence às mulheres, o que lhes dá poder sobre a gleba e seus frutos”¹⁴⁸, pois foram os filhos dessas mulheres, das descendentes de Ana Terra, que trouxeram alegria, principalmente, nos momentos em que o esposo não mais se faz presente.

No caso de Sílvia, o futuro filho, após dois abortos, será um consolo a sua alma e um sinal de Deus que o futuro com o marido Jango venha ser mais tranquilizador. No diário que entrega a Floriano, ela escreve o motivo da sua esperança de ter uma vida feliz:

A última página trazia a data do dia anterior. Continha simplesmente essa palavras: Fui hoje ao médico. Desta vez parece não haver a menor dúvida: estou grávida. Este filho vai dar um novo sentido à minha vida. É o melhor presente que o Céu me poderá mandar. Olho agora para o futuro com alegria e esperança. Deus é grande. Deus é bom.¹⁴⁹

Como noto, é no filho que a personagem deposita expectativa de melhorar a vida, acredita que depositar na criança um amor incondicional e assim abdicar do amor de um homem, é algo que vale a pena, por isso, Ana Terra, assim como Sílvia podem ser caracterizadas como: “heroicas’ e ‘varonis’, atributos estes sabidamente

¹⁴⁶ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento. O Continente I*. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 148-149.

¹⁴⁷ SANTOS, Regma Maria dos. *Os discursos sobre a mulher: entre o sagrado e o profano*. OPSIS, Revista do NIESC, Catalão, v. 6, p. 64, 2006.

¹⁴⁸ Idem, *ibidem*, p. 60.

¹⁴⁹ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento. O Arquipélago III*. 17. ed. São Paulo: Globo, 1995, p. 979.

masculinos e que se referem à capacidade de suportar sacrifícios e à resistência das mulheres na manutenção do mundo masculino”¹⁵⁰, o que mostra, assim, a coragem da mulher na trilogia. Fato este que me leva entender e analisar o próprio nome das personagens.

Ana e Sílvia, primeira e última figura feminina da obra *O tempo e o vento*, têm nomes ligados à natureza, à terra, o que transmite ideia de fertilidade, nascimento, geradora. Ao analisar o nome da primeira, noto que este já introduz o conceito de que ela é a “iniciadora” da saga:

Dentre as diversas analogias existentes para o nome Ana Terra, encontram-se algumas partindo do próprio autor: ‘Eu penso nela como uma espécie de sinônimo de mãe, ventre, terra, raiz, verticalidade (em oposição à horizontalidade nômade dos homens), permanência, paciência, espera, perseverança, coragem moral’.¹⁵¹

No caso de Sílvia, o seu nome é de origem da língua latina tendo como significado floresta, da selva, ou seja, retoma a concepção de natureza, surgimento do homem, fato que me leva a compreender o valor dessas duas mulheres na obra clássica de Erico Verissimo, porque foi por causa delas que a saga da família Terra-Cambará se iniciou e irá prosseguir e, sendo assim:

Esta é uma questão crucial: de Ana Terra a Sílvia, passando por Bibiana, Maria Valéria e Flora, o arquétipo feminino é insistentemente reeditado nestas personagens imaginárias que se sucedem ao longo dos duzentos anos abrangidos pelo transcurso histórico. Melhor dito: enquanto ao nível episódico a História avança numa sequência de desastres, no nível simbólico o texto busca restaurar, na criação destas personagens, na manutenção da sua escala de valores, o universo primordial que existiu algum dia antes da corrupção dos Cambarás, antes de Santa Fé – que foi a realidade existente para Ana Terra e que hoje é uma pálida recordação na memória da sua descendência.¹⁵²

Desse modo, ambas as protagonistas, diferentes ou análogas, foram construídas pelo escritor Erico Verissimo para evidenciar como as mulheres, mesmo

¹⁵⁰ LÉLIA, Almeida. *A sombra e a chama: as mulheres d'O Tempo e o Vento*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996, p. 34.

¹⁵¹ BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figura feminina em *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo. *Revista Trías* (Revista eletrônica online de filosofia, História, Literatura e Ciências Sociais). Ano III, n.º 5, julho a dezembro de 2012. (ISSN 2179-0904). Disponível em: <<http://www.revistatrias.pro.br/artigos/ed-5/Analise-da-Figuracao-Feminina-em-O-Tempo-e-o-Vento-de-Erico-Verissimo.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2012, p. 2.

¹⁵² CHAVES, Flavio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre: Globo, Instituto Estadual do Livro, Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1976, p. 96.

debaixo, muitas vezes, do jugo masculino, conseguiram mostrar suas forças, o que torna singular a narrativa das duas personagens, pois o sofrer de Ana Terra e Sílvia foram diferentes. Enquanto uma suportou a condição a que foi submetida, porque se entregou ao impulso, à paixão, a outra padece exatamente por não ter tido coragem de se entregar aos seus desejos, ao amor. Embora ambas tenham vivido situações análogas e díspares ao mesmo tempo, algo lhes foi comum: a abdicação de “tudo” em prol do filho, da geração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação de mestrado objetiva proporcionar um olhar diferenciado da escrita do autor gaúcho Erico Verissimo em relação ao seu clássico *O tempo e o vento*, partindo do pressuposto de que a obra *Do diário de Sílvia* é um elemento diferenciador na trilogia.

Erico Lopes Verissimo, escritor rio-grandense, que se destacou na literatura regional e do Brasil com a obra clássica *O tempo e o vento*, apesar de ser considerado o “grande nome” do Modernismo no sul do país, e, de acordo com Flávio Loureiro Chaves, ser um precedente de: “todos os romancistas de 30 que fizeram *romance urbano* no rastro da literatura de interesse social”¹⁵³, o autor gaúcho ainda não tem, diante da academia, uma posição tão “respeitada e valorizada”.

A obra clássica de Erico Verissimo consagrou o seu nome na literatura brasileira, e além de ter sido adaptada para o cinema, televisão e traduzida para diversos países, foi objeto de inúmeras análises e estudos acadêmicos. Contudo o fato que instigou esta pesquisa foi a ruptura causada por uma escrita de si, um diário íntimo, no tomo final da longa narrativa. Como o enredo é praticamente todo elaborado todo na terceira pessoa do singular, o livro *Do diário de Sílvia* se destaca por ser escrito na primeira pessoa e por ter uma personagem feminina como protagonista e autora do texto.

Partindo desse conhecimento, no primeiro capítulo, propus uma exposição sobre Erico Verissimo na literatura brasileira, como este conseguiu escrever, em seus romances, sobre acontecimentos que ocorriam no país e no mundo, como os problemas sociais: guerra, educação, dentre outros, os escritores que influenciaram na sua escrita, a importância da carreira como editor e como esta concorreu para se tornar um romancista.

Adentro também na obra clássica *O tempo e o vento*, uma vez que esta é a fonte de toda a trajetória da família Terra-Cambará, e é por meio dos personagens

¹⁵³ CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre. Globo, Instituto Estadual do Livro, Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1976, p. 7.

que o escritor sulista faz uma apresentação da história rio-grandense partindo do ano de 1745 até 1945.

Ao aprofundar-me, especificadamente, no terceiro tomo, *O Arquipélago*, porque é esse que se encontra a obra aqui pleiteada para análise *Do diário de Sílvia*, cujo teor mostra como o indivíduo sofre com os problemas que o afligem tanto no aspecto íntimo como no âmbito social, vejo a sensibilidade de Erico Verissimo em mostrar questões como: a falta de fé, a individualidade, a solidão, a angústia, o desprezo, a rejeição e o amor no texto literário.

No segundo capítulo, procurei fazer uma breve explanação sobre o gênero confessional. Como já é sabido, o gênero confessional teve, no século XX, um surgimento com maior proporção, como, por exemplo, o diário, a memória, a autobiografia. Propus analisar o texto de Erico Verissimo visando a esse caráter de mostrar o lado íntimo do homem. É nesse aspecto literário que a individualidade do ser humano é transmitida com mais profundidade, são textos de caráter intimistas que, apesar de prometerem “um desnudamento total (e impossível) do “eu” que se inscreve”¹⁵⁴, ou daquele de quem está sendo descrito na obra, transmitem ao leitor a sensação de conhecer o outro lado do “eu” narrado. E foi justamente essa curiosidade que moveu a análise do diário da personagem Sílvia e como esta imprimiu seus anseios por meio da escrita.

Por considerar pertinente o estudo sobre o escrito *Do diário de Sílvia*, da trilogia *O tempo o e vento*, é que propus esta pesquisa, com recorte no gênero confessional, diário. Contudo, a escassez de estudos sobre a obra proposta limitou um pouco a análise, pois a maior parte da bibliografia encontrada sobre o autor Erico Verissimo somente citavam o nome da obra. Desta, apenas dois estudos realizaram foram específicos: a tese de Lúcia Helena Sgaraglia, *Diários e ficção: as escritas entretecidas de Erico Verissimo*¹⁵⁵, e o artigo de Luana Soares, *Do diário da(s) Sílvia(s): entre o ser e o desejar*¹⁵⁶.

¹⁵⁴ MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os Gêneros Confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias (Orgs.). *Em diálogo. Estudos Literários e Linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 3.

¹⁵⁵ MANNA, Lucia Helena Sgaraglia. *Diários e ficção: as escritas entretecidas de Erico Verissimo*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, 2011.

¹⁵⁶ SOUZA, Luana Soares de. *Do diário da(s) Sílvia(s): entre o ser e o desejar*. In: ALVES, José Édil de Lima. *Erico Verissimo: provinciano e universal*. Canoas: ULBRA, 2006.

Em relação ao gênero confessional diário, meus estudos perpassaram pela pesquisa dos escritores Lejeune¹⁵⁷ e Maciel¹⁵⁸, em que pude perceber que a veracidade do gênero parece maior ante os outros, porque é escrito num espaço curto de tempo e “de um modo geral, [cria] a ilusão da espontaneidade e do imediatismo por meio tanto das fragmentações e das elipses, quanto do pacto entre autor e leitor”¹⁵⁹, fazendo com o que está sendo escrito seja “aceito” como uma verdade absoluta, pois é sabido que “tratando de combinação de elementos estruturais que contribuem para a “veracidade” [...] não se pode desconsiderar Sílvia.”¹⁶⁰.

Essa sensação é transmitida no diário íntimo de Sílvia, pois “o nível de introspecção neste diário é ainda maior do que o anterior, porque Sílvia tem como propósito vasculhar infância e adolescência para desmascarar-se diante de si mesma”¹⁶¹. Nele, a narradora retrata fatos que lhe perturbam a mente, tais como: a vida conjugal com o esposo Jango, o qual não ama, ao contrário, sente-se mal ao ter que se submeter aos desejos de alcova com ele; a paixão de adolescência não concretizada pelo cunhado Floriano; o respeito, submissão e carinho pelo padrinho Dr. Rodrigo Cambará; a amizade com Tio Bicho e Arão; a falta de amor pela mãe; o ciúme e a inveja por Alicinha; o complexo de inferioridade em relação aos moradores do Sobrado; os conflitos sociais; a dor por ter abortado duas crianças que tanto almejava e a ideia de que Deus parecia não ver o seu sofrimento.

São essas características na obra *Do diário de Sílvia* que aguçaram minha curiosidade para esta pesquisa. Nele, a escrita revela as qualidades e defeitos de Sílvia, bem como o amor e o ressentimento, a alegria e a tristeza, sentimentos comuns do ser humano. *Do diário de Sílvia*, recorte escolhido no tomo III – *O arquipélago*, se distingue do restante da obra *O tempo e o vento*, por ser uma escrita de diário (primeira pessoa), por um eu feminino, em um período cuja predominância narrativa se dava ao eu masculino.

¹⁵⁷ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita M. Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

¹⁵⁸ MACIEL, Sheila Dias. A literatura e os Gêneros Confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias (Orgs.). *Em diálogo. Estudos Literários e Linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004.

¹⁵⁹ Idem, *ibidem*, p. 10.

¹⁶⁰ MANNA, Lucia Helena Sgaraglia. *Diários e ficção: as escritas entretécidas de Erico Verissimo*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 130.

¹⁶¹ Idem, *ibidem*, p. 133.

Outro fator que vale destaque, em *Do diário de Sílvia* é a visão feminina (política), sob o olhar de Sílvia, dos acontecimentos do mundo, em um tempo que a mulher era símbolo, quase que unicamente, de procriação. Como a trilogia tem como predominância, na narrativa, os homens, a guerra, a luta entre os Terra-Cambará contra os Amarais, em alguns estudos, a figura feminina recebe menor valor, contudo a mulher exerce um papel relevante na obra, em geral.

“Verissimo ficou conhecido como criador de personagens femininas marcantes [...]. Em *O tempo e o vento* destacam-se as mulheres da família Terra, a começar por Ana”¹⁶². Partindo deste conhecimento é que adentro no terceiro capítulo, desta pesquisa, realizando uma comparação das personagens Ana Terra e Sílvia Cambará, sucessivamente primeira e última figura feminina da trilogia.

A narrativa *Do diário de Sílvia* explicita o caráter realista do escritor, sabido que o romance realista de Verissimo se dá “também devido à fórmula empregada na gênese das personagens e na explicação do seu destino onde importam sobremaneira os antecedentes, as raízes sociais a função que desempenham na coletividade”¹⁶³, fatos esses expostos no diário.

Para melhor análise *Do diário de Sílvia*, eu comparei a personagem com Ana Terra, pois é Ana a gestora da família Terra-Cambará, é a figura feminina que mais se destaca no romance, seu estereótipo de mulher-terra, de reprodutora e mulher de força, segue como modelo para as demais. Nessa linhagem feminina, Sílvia encerra o ciclo, deixando a esperança de um neto de Dr. Rodrigo, para a continuidade dos Terra-Cambará.

Desse modo, a devida dissertação mostra o papel dessa personagem no enredo de Verissimo, como contribuição para a fortuna crítica do autor em estudo.

¹⁶² MANNA, Lucia Helena Sgaraglia. *Diários e ficção: as escritas entretecidas de Erico Verissimo*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, 2011, p. 130.

¹⁶³ CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre. Globo, Instituto Estadual do Livro, Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1976, p. 50.

REFERÊNCIAS

ABDALA, Benjamim; CAMPEDLLI, Samira Youssef. *Tempos da Literatura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986. (Série Fundamentos).

ALMEIDA, Lélia. *A sombra e a chama: as mulheres d'O tempo e o vento*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISCO; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

ALVES, José Édil de Lima. *Erico Verissimo: provinciano e universal*. Canoas: ULBRA, 2006.

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.

ARENDT, Hannah (1906-1975). *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo, posfácio de Celso Lafer. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BORDINI, Maria da Glória (Org.). *Erico Verissimo: o escritor no tempo*. Por Alegre: Sulina, Secretaria Municipal da Cultura, Acervo Literário de Erico Verissimo, CPL, PUCRS, 1990.

_____. Caminhos Cruzados e a crítica. Disponível em <www.periodicos.ufsc.br/index.php/travessia/article/download/17550/16124>. Acesso em: 18 set. 2012.

BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BORGES, Gisele do Rocio. Análise da figura feminina em O tempo e o vento, de Erico Verissimo. *Revista Tríax* (Revista eletrônica online de filosofia, História, Literatura e Ciências Sociais). Ano III, n.º 5, julho a dezembro de 2012. (ISSN 2179-0904). Disponível em: <<http://www.revistatrias.pro.br/artigos/ed-5/Analise-da-Figuracao-Feminina-em-O-Tempo-e-o-Vento-de-Erico-Verissimo.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2012.

BRANDÃO, Ruth Silviano. *Mulher ao pé da letra*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Cultura/Editora da UFMG, 1993.

Caderno de Literatura Brasileira. Erico Verissimo. Instituto Moreira Salles, n.º 16, 2003.

CANDIDO, Antonio. *A personagem da ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1980.

_____.; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. 9. ed. São Paulo: DIFEL, 1983.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2001.

_____. *Erico Verissimo: realismo e sociedade*. Porto Alegre. Globo, Instituto Estadual do Livro, Secretaria de Educação e Cultura do Rio Grande do Sul, 1976.

FAURI, Ana Letícia. *Erico Verissimo e a literatura*. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/online/vsemanaletas/Artigos%20e%20Notas_PDF/Ana%20Let%EDcia%20Fauri.pdf>. Acesso em: 15 out. 2012.

HELLER, Ágnes. Individualidad, conocimiento antropológico, autoconocimiento y autobiografía. In: _____. *El hombre del Renacimiento*. Ediciones península, 1978.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita M. Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LÉLIA, Almeida. *A sombra e a chama: as mulheres d'O Tempo e o Vento*. Santa Cruz do Sul: Editora da UNISC; Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1996.

LIDMILOVÁ, Pavla. *Alguns temas da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nórdica; Brasília: INL, 1984.

MACIEL, Sheila Dias. *Diários: escrita e leitura do mundo*. ANALECTA Guarapuava, Paraná, v. 3, n.º 1, p. 57-62 jan/jun. 2002.

_____. A literatura e os Gêneros Confessionais. In: BELON, Antonio Rodrigues; MACIEL, Sheila Dias (Orgs.). *Em diálogo. Estudos Literários e Linguísticos*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004, p. 86.

MANNA, Lucia Helena Sgaraglia. *Diários e ficção: as escritas entretecidas de Erico Verissimo*. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal Fluminense, 2011.

MARTINS, Wilson. *O Modernismo (1916-1945)*. 5. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

MEIRELLES, Renata costa Reis de. *Um retrato da paisagem urbana de Porto Alegre: as camadas médias urbanas na literatura de Erico Verissimo*. Dissertação (Mestrado em História). Rio de Janeiro, 2008.

MORETTO, Fúlvia M. L. *et al. Erico e seu tempo*. Porto Alegre: Ediplat, 2005.

OLINTO, Heidrun Krieger. *Histórias de literatura: as novas teorias alemãs*. São Paulo: Ática, 1996.

OLIVEIRA, Dercir Pedro (Org.). *O livro da concentração: linguístico e o literário*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

OLMI, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz: EDUNISC, 2006.

RIBEIRO, Ivan Marcos. *Sob a égide da vaidade e da arte: aproximação entre Erico Verissimo e Oscar Wilde*. Tese (Doutorado em Letras). São José do Rio Preto, 2004.

RITTER, Eduardo. Erico Verissimo: um escritor entre o romance e o jornalismo. (p. 83-92). *Letras: cultura e diferença. Anais*. [recurso eletrônico] / IX Semana de letras; FALE/PUCRS. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009. 401p. (23 a 25 de setembro de 2009). EdIPUCRS. (Disponível em: <[http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/ com/Eduardo_Ritter.pdf](http://www.pucrs.br/edipucrs/online/IXsemanadeletras/com/Eduardo_Ritter.pdf)>. Acesso em: 1 out. 2012.

REMÉDIOS, Maria Luiza Ritzel (Org.). *Literatura Confessional: autobiografia e ficcionalidade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Confissões*. Tradução livros I a X Raquel de Queiroz, livros XI e XII José Benedicto Pinto. São Paulo: EDIPRO, 2008.

SANTOS, Regma Maria dos. Os discursos sobre a mulher: entre o sagrado e o profano. *OPSI*, Revista do NIESC, Catalão v. 6, p. 64, 2006.

SAUTHIER, Ademar Agostinho. *Liberdade e compromisso: “O Tempo e o Vento” de Erico Verissimo*. [recurso eletrônico] Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SCHOLES, Robert. KELLOG, Robert. *A natureza da narrativa*. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1977.

SIMMEL, Georg. O segredo. Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Disponível em: <http://www.4shared.com/office/JQITtkX/SIMMEL_Georg_O_Segredo.html>. Acesso em: 26 set. 2011.

VERISSIMO, Erico. *Do diário de Sílvia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *O tempo e o vento. O Continente I*. 34. ed. São Paulo: Globo, 1997.

_____. *O tempo e o vento. O Arquipélago III*. 17. ed. São Paulo: Globo, 1995.